POLÊMICA: o Brasil está preparado para suspender a vacinação da febre aftosa?

FINANÇAS: descubra a ferramenta que está melhorando a gestão de fazendas

Dinheiro Rural

A REVISTA DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

RECEITA AMERICANA

WIJNAND PON: bilionário holandês, dono da Alta Genetics, visita produtores nos EUA e aposta no crescimento do setor no Brasil

O que faz dos Estados Unidos o mais eficiente produtor de leite do mundo? Visitamos as fazendas do Estado do Michigan que estão reescrevendo a história e servem de exemplo para alavancar a pecuária leiteira no Brasil

Dinheiro Rural

A REVISTA DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

EDIÇÃO 150, ANO 13
AGOSTO DE 2017

38
CAPA
Como os produtores de leite nos Estados Unidos estão se organizando para aumentar a produção nos próximos anos

14
MELHORES DA DINHEIRO RURAL
As inscrições já estão abertas. Participe!

22
DOMINGO ALZUGARAY
Morre o jornalista que criou publicações como as revistas IstoE, IstoE Dinheiro e Dinheiro Rural

24
FEBRE AFTOSA
O Brasil se prepara para o fim da vacinação

52
ARTIGO
Jeffrey Abrahams, sócio-gerente da consultoria Fesap Group

08 Porteira aberta

LOGÍSTICA
Estudo da Embrapa mostra as obras necessárias para o Arco Norte até 2025

12 Cocheira

EXPORTAÇÃO
Encontro em Buenos Aires vai debater subsídios mundiais

18 Entrevista

EMÍLIO CARLOS SALANI
Vice-presidente executivo do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal

28 Agroeconomia

BIODIESEL
Produtores pressionam o governo para aumentar o teor do biocombustível no diesel

Agrotecnologia

30 SUSTENTABILIDADE
Como a fazenda Santa Ana vem cuidando das boas práticas agrícolas

34 PESQUISA
Por que empresas agropecuárias têm criado seus próprios centros de estudos

36 CAMPO DIGITAL
A robótica toma conta dos negócios na agricultura de precisão

46 Agronegócios

CAFÉ
No Sul de Minas Gerais, as fazendas investem em sustentabilidade

Agrocarreira

50 FOCO EM RESULTADO
Ian Hill, CEO da Agropecuária Jacarezinho, se prepara para tornar a empresa em um das maiores vendedoras de touro nelode

“Não somos contra a suspensão da vacinação da febre aftosa”

EMÍLIO CARLOS SALANI, VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO DO SINDICATO NACIONAL DA INDÚSTRIA DE PRODUTOS PARA SAÚDE ANIMAL

54 Hippus

CRIOULO
Égua uruguaia vence tradicional prova da Marcha da Integração

56 Mundo dos leilões

MATINHA
Fazenda oferta 250 touros, além de embriões nelore

58 Agrofinanças

FLUXO DE CAIXA
A ferramenta é indispensável e vai além do gerenciamento da fazenda

62 O campo em números

CÂMBIO
As receitas com a exportação de carne suína cresce no semestre

66 Artigo

Roberto Rodrigues, coordenador do Centro de Agronegócio da FVG-EESP

DINHEIRO RURAL NO IPAD E ONLINE:
www.dinheirorural.com.br

E TAMBÉM NO FACEBOOK:
facebook.com/DinheiroRural

COLHEITA DA REDAÇÃO

TRÊS

DOMINGO ALZUGARAY
★ 1932 † 2017

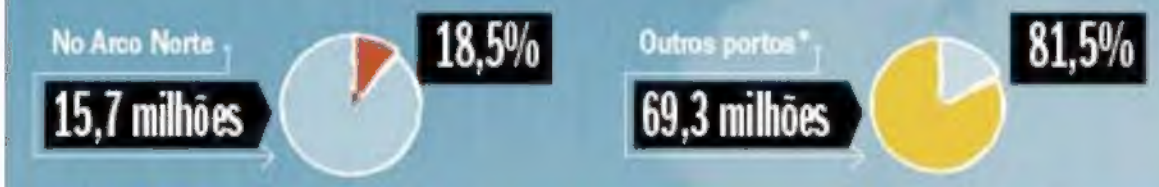
POR **BÉTH MÉLO**

DO ARCO NORTE PARA O MUNDO

A partir do que aconteceu com o sistema portuário do Arco Norte em 2015, a unidade da Embrapa Monitoramento por Satélite, de Campinas (SP), realizou um estudo do potencial desse conjunto de portos formado por Itacoatiara (AM), Santarém (PA), Barcarena/Vila do Conde (PA) e Itaqui (MA). O estudo indica as obras prioritárias para melhorar o transporte da safra brasileira de grãos na região e compara a distribuição do embarque com os demais portos. De acordo com os pesquisadores, seria possível dobrar a participação do Arco Norte para as exportações de milho e de soja.

O QUE FOI EMBARCADO EM 2015

Neste ano, *dez portos brasileiros exportaram 85 milhões de toneladas* de grãos



OBRAS NECESSÁRIAS PARA QUE O ARCO NORTE EMBARQUE 40% DOS GRÃOS EXPORTADOS

- Construção de três modais logísticos
- Operacionalização de novos trechos da Ferrovia Norte-Sul
- Construção da estrada de ferro Ferrogrão, entre Sinop (MT) e Miritituba (PA)
- Duplicação e asfaltamento de rodovias
- Melhorias nas vias de contorno de cidades e acessos aos terminais portuários ou intermodais das BRs 163, 080, 364, 242 e MT-319
- Aumento da capacidade de fluxo das hidrovias dos rios Madeira e Amazonas

RUMO A 2025 - A projeção das exportações de soja e de milho *(em toneladas)*

* Outros portos: Salvador (BA), Santos (SP), Paranaguá (PR), São Francisco do Sul (SC) e Rio Grande (RS)

MERCOSUL

Brasil na liderança

Em julho, o presidente Michel Temer assumiu a presidência do Mercosul, o bloco que reúne o Brasil, o Uruguai, a Argentina, a Venezuela e seis países associados. Na posse, Temer disse que pretende tecer políticas com foco na agricultura, para avançar no modelo de mercado livre do bloco. Quer também que o Mercosul estreite os laços com a Aliança do Pacífico, contra o protecionismo de alguns mercados, entre eles a União Europeia. Também propôs avançar os acordos com os asiáticos, principalmente o Japão, a Coreia do Sul e a Índia.

FOTO: ALAN SANTOS/FR

REBANHO

Mas gado de leite para o Iraque

A Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Iraque confirmou no mês passado o interesse do país do Oriente Médio em importar gado de raças leiteiras do Brasil. Por causa de compras passadas, o gado girolando já mostrou que se adapta bem ao clima iraquiano: árido e semiárido, com variações de temperaturas entre 10 graus centígrados e 50 graus. O programa de retomada da pecuária local conta com US$ 400 milhões para investimentos. O rebanho foi praticamente dizimado pelos ataques do Estado Islâmico, cerca de 70%. Em 2015, eram 2,5 milhões de animais.

FRANGO

FOTO: ROBERTO CASTRO

Passe livre na Europa

Em julho, começaram a vigorar as novas regras de exportação de frango do Brasil para os países da União Europeia. O bloco aumentou em 4,8 mil toneladas anuais a cota brasileira com tarifa zero, antes limitada a 2,3 mil toneladas. De acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, também fez parte do acordo 610 toneladas de cortes de peru, adicionadas à cota que era de 4,3 mil toneladas. O bloco econômico é o maior consumidor de aves do País. No ano passado foram exportados 456,6 mil toneladas, por US$ 1,1 bilhão.

AGRICULTURA

Mais soja na mesa

Nas duas últimas décadas, a produção brasileira de soja cresceu 3,5 milhões de toneladas ao ano, uma média de 13,4% por período. O resultado tem relação direta com a evolução da produtividade e da área cultivada. No período, a área com a cultura aumentou um milhão de hectares por ano, enquanto a produtividade expandiu 34 quilos por hectare. O estudo está reunido na recém-lançada publicação da Embrapa "Análise da área, produção e produtividade da soja no Brasil", entre as safras encerradas em 1997 e em 2016.

SALTO

Estudo da Embrapa mostra a evolução da cultura em 20 anos

Safra 1996/1997

Área em hectares	Produtividade (em quilos por hectare)	Produção em toneladas
11,4 milhões	2,2 mil	26,2 milhões

Safra 2015/2016

Área em hectares	Produtividade em quilos por hectare	Produção em toneladas
33,2 milhões	2,9 mil	95,6 milhões

FOTO: DIVULGAÇÃO

LATICÍNIOS

Lala compra a Vigor

No final de julho, o grupo mexicano Lala anunciou que compraria a Vigor por R$ 5,7 bilhões, uma das empresas da J&F Investimentos que pertence à família Batista. A venda pós delação dos executivos do grupo já era esperada pelo mercado. Os mexicanos também terão 50% da Itambé, já que a Vigor detinha participação de metade da empresa. A outra parte pertence à Cooperativa Central dos Produtores Rurais de Minas Gerais (CCPR). A venda da Vigor é apenas uma parte da ação de desinvestimento dos irmãos Joesley e Wesley Batista, que deve continuar.

MAIS MERCADO PARA O ARROZ

O Brasil é um grande produtor e consumidor de arroz, atrás somente dos países da Ásia. O cultivo é de 12 milhões de toneladas anuais. Para aumentar as exportações do cereal beneficiado e em contêineres, a Associação Brasileira da Indústria do Arroz e a Apex-Brasil está reformulando o Brazilian Rice, programa criado em 2013. Gustavo Ludwig, gerente do projeto, fala sobre as mudança de política da parceria.

Quais os planos do setor?

No mês passado, o Brazilian Rice definiu as ações para os próximos dois anos. Dividimos os mercados em dois grupos. Um deles, onde o arroz brasileiro tem presença ou está consolidado, como os Estados Unidos, o Peru, a Arábia Saudita, o Panamá e o Reino Unido. O outro grupo é formado por aqueles que nos impõe barreiras tarifárias ou sanitárias, como a Colômbia, o México e a China.

Qual a imagem do produto brasileiro?

Nosso arroz é referência lá fora. O Peru, principal destino do produto beneficiado, por exemplo, busca por qualidade. Os Estados Unidos, nosso grande concorrente, têm aumentado as compras do cereal brasileiro.

Mas as exportações caíram.

Sim, em 2016 o País exportou 697 mil toneladas, mas a média dos embarques dos últimos cinco anos foi de 1,2 milhão de toneladas. A queda foi por causa do clima. Com isso, a receita caiu de US$ 350,1 milhões em 2015, para US$ 251,9 milhões em 2016.

Quais os resultados do Brazilian Rice?

Em 2013, primeiro ano do projeto, as exportações das empresas participantes, para 36 destinos, renderam US$ 57 milhões. Em 2016, foi de US$ 73 milhões, para 52 países, relativo a 78% dos embarques de arroz beneficiado em contêineres.

LARANJA

Safra encolhe e o Brasil exporta menos suco

FOTO: SHUTTERSTOCK

A redução na oferta de laranja na safra 2016/2017, encerrada em 31 de junho com 245,3 milhões de caixas de 40,8 quilos, ficou 18,6% abaixo do ano anterior e afetou os embarques de suco. De acordo com a Secretaria de Comércio Exterior, as exportações de suco concentrado foram de 894,7 mil toneladas, queda de 17% ante 1,1 milhão de toneladas no ciclo 2015/2016. Já a receita caiu 7%, para US$ 1,6 bilhão. A União Europeia, principal mercado brasileiro, registrou queda acentuada na receita e nos embarques.

FALTOU PRODUTO

Com a quebra da safra brasileira, caíram os embarques e a receita das exportações

União Europeia

Volume

2016/2017

579,5 mil toneladas

queda de 23%

2015/2016

734,3 mil toneladas

Receita

2016/2017

US$ 1 bilhão

queda de 14%

2015/2016

€ 1,2 bilhão

SOJA

Cesb cria Liga da Produtividade

O Comitê Estratégico Soja Brasil criou, no mês de julho, a Liga da Produtividade de Soja. O comitê vai reunir os produtores com histórico de altas produtividades que participam todos os anos do Desafio Nacional de Máxima Produtividade. A ideia é aplicar nas fazendas as experiências adquiridas em dez anos do projeto. De acordo com a entidade, os participantes foram escolhidos por causa do histórico em áreas menores e estão preparados para mostrar que é possível produzir mais em areas comerciais.

FOTO: DIVULGAÇÃO

CAFÉ

Sinal verde para o grão

A receita brasileira das exportações de café foi de US$ 5,6 bilhões no ano safra 2016/2017, valor 5% acima do ciclo anterior. No período, o País embarcou 32,9 milhões de sacas do produto, ao preço médio de US$ 171,48. O aumento foi de 13,4%, segundo relatório do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil, divulgado em julho. As vendas do arábica totalizaram 28,9 milhões de sacas, e do robusta, 277,5 mil sacas. Essa conta inclui 4,9 milhões de sacas cafés diferenciados. Os Estados Unidos, com 6,4 milhões de sacas, foram o principal destino. A seguir está a Alemanha, com 5,9 milhões; a Itália com 3 milhões, e Japão com 2,3 milhões de sacas. Somando a demanda interna, de 20 milhões de sacas, o mercado total foi de 53 milhões de sacas, equivalente a um terço do consumo mundial.

FOTO: SHUTTERSTOCK

FRUTAS

Foco na Alemanha

Para a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil), a Alemanha é um mercado estratégico para frutas. O Brasil tem potencial para aumentar as exportações de produtos, como o mamão e a manga. De acordo com a Apex-Brasil, o mercado alemão tem potencial para investir US$ 1 bilhão por ano no setor. O país consome anualmente 4,5 bilhões de toneladas de frutas e é o destino de apenas 4% das exportações brasileiras. Em 2016, os embarques renderam US$ 25,5 milhões.

GENÉTICA

Gir leiteiro, do Brasil para a Índia

Os primeiros bezerros gir leiteiro brasileiros nascidos na Índia, resultado da exportação de mil doses de sêmen, realizada pela ABS Pecplan em 2015, já estão com um ano de idade. Os animais são filhos dos reprodutores Diamante de Brasília e Castelo TE Kubera e servirão de vitrine para a genética brasileira no país asiático. A central de inseminação, localizada em Uberaba (MG), já recebeu pedido para a importação de mais 20 mil doses. Raça originária da Índia, o gir encontrou um ambiente apropriado para a produção de leite nas condições tropicais do Brasil. O rebanho brasileiro possui cerca de 130 mil animais registrados, segundo a Associação Brasileira dos Criadores de Gir Leiteiro. Em 2015, foram comercializadas 336,9 mil doses de sêmen.

FOTO: DIVULGAÇÃO

OVOS

São Paulo produz mais

A incorporação de novas tecnologias em genética, o uso de insumos na criação e a economia de escala garantiram um crescimento moderado da produção paulista de ovos em dez anos. Segundo a Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, de 708,4 mil dúzias em 2007, a produção passou para 914,3 mil dúzias em 2016, o que equivale a um aumento de 15,8%. No ano passado, o Brasil produziu 39,2 bilhões de dúzias de ovos. O consumo nacional passou de 148 ovos, em 2010, para 190 ovos por habitante em 2016, de acordo com a Associação Brasileira de Proteína Animal.

FOTO: SHUTTERSTOCK

PARCERIA

Fonterra e Inovaleite fazem acordo

A neozelandeza Fonterra Brasil, filial de uma das maiores exportadoras de lácteos do mundo, fez uma parceria com o Inovaleite, o instituto de pesquisa da Universidade Federal de Viçosa (MG). A proposta é adaptar o uso dos ingredientes produzidos na Nova Zelândia para a melhoria de processo dos lácteos no mercado brasileiro. Além da iniciação científica para a formação dos alunos, estão previstos projetos para o desenvolvimento de produtos.

FOTO: SUELEM DIANA SILVA NOGUEIRA

GIROLANDO

Touro bom de leite

Jacuba Titânio Benfeitor Celsius, da bateria da central Alta Genetics, é o número um do sumário de touros do Teste Progênie 2017 da Embrapa. Com esse resultado, o animal figura como o maior produtor de leite da raça girolando com sêmen disponível no mercado. O touro de grau de sangue 5/8 tem PTA Leite de 596,2 quilos. Esse índice mostra quanto um touro pode melhorar a produção do rebanho. Hoje, os animais de sangue girolando respondem pela produção de 28 bilhões anuais de leite, o equivalente a 80% dos 35 bilhões de litros produzidos no Brasil, segundo a Associação Brasileira dos Criadores de Girolando. Em 2015, foram comercializadas 589,8 mil doses de sêmen da raça, ante 491,7 mil no ano anterior, de acordo com a Associação Brasileira de Inseminação Artificial.

POR **VERA ONDEI E FÁBIO MOITINHO**

INTERNACIONAL

A caminho de Buenos Aires

FOTO: WSB FILMS

No mês passado, em Genebra, sentaram-se à mesa de discussões sobre o setor agrícola o Brasil, a Colômbia, o Peru, o Uruguai, mais a União Europeia. Do encontro, saiu uma proposta conjunta que será apresentada na 11ª Conferência Ministerial da Organização Mundial de Comércio (OMC), que acontece em dezembro, em Buenos Aires. O principal ponto do documento é a adoção de novas regras para reduzir os subsídios domésticos no campo. O bloco propõe um teto global, no âmbito do Acordo sobre Agricultura da OMC, para os tipos de subsídios que mais distorcem o comércio internacional. Como, por exemplo, os relacionados ao desempenho exportador, quando um governo ou suas agências vendem estoques de produtos agrícolas a preços abaixo da média do mercado.

EXPORTAÇÃO

Gado vivo para a Austrália

No mês passado, o maior navio boiadeiro do mundo, o **Ocean Shearer,** atracou no porto de São Sebastião, no litoral paulista, para uma missão. Pelo segundo ano consecutivo, o Brasil está exportando gado vivo para a Austrália através desse porto. O grande curral flutuante, de capacidade para 22,5 mil animais, é da multinacional australiana Wellard, maior exportadora global de gado vivo. De

FOTO: DIVULGAÇÃO

acordo com a Scot Consultoria, o embarque priorizou animais jovens, de até 300 quilos, produto de cruzamento industrial com angus e hereford, além de anelorados.

CONFISSÃO

Diário de um Gates

No mês passado, começou a circular no site do bilionário **Bill Gates**, fundador da Microsof, um depoimento escrito por ele sobre suas aventuras no campo. Com o título "O que os vaqueiros podem nos ensinar sobre alimentar o mundo", Gates conta os detalhes de viagem à Austrália, visitando gado leiteiro e de corte. As incursões do magnata pelo agronegócio ocorrem desde os anos 2000, com a criação da Fundação Bill e Melinda Gates, nome de sua esposa. A fundação filantrópica já doou U$S 35 bilhões a projetos sociais, entre urbanos e rurais. Gates, 61 anos, que nunca havia visto uma inseminação escreveu: "fiquei impressionado com a alta tecnologia de todo o processo". Vale uma espiada em *gatesnotes.com*.

DIVULGAÇÃO

CENSO

Lá e aqui, quanta diferença

Religiosamente feito a cada cinco anos, os Estados Unidos já estão preparando o censo agropecuário de 2017. A pesquisa será em dezembro, mediante um cadastramento on-line dos produtores. Já aqui no Brasil, um concurso público em julho aprovou cerca de 25 mil agentes para a tarefa. Há quem não acredite, mas o IBGE diz que o censo será de outubro deste ano a março de 2018. O último foi em 2006, em 5,2 milhões de propriedades rurais.

FOTO: DIVULGAÇÃO

PRESERVAÇÃO

Mato Grosso sustentável

Mato Grosso, Estado com a pecha de desmatador frente à opinião pública do País, quer mudar sua imagem e tem dados para a empreitada. Um estudo do Grupo de Inteligência Territorial Estratégica da Embrapa acaba de mostrar que o Estado mantém 64,7% do território intacto, o que corresponde a 58,4 milhões de hectares. Dos 90,3 milhões de hectares que formam o Estado, apenas 35% são para atividades agrícolas: as lavouras em 9,3 milhões de hectares e a pecuária em 19,4 milhões. Além disso, as reservas legais das fazendas preservam 30,6 milhões de hectares. É mais do que a área de países como Equador, Nova Zelândia ou Reino Unido. "Não há país que ganhe desse Estado em matéria de preservação", diz **Evaristo de Miranda**, chefe-geral da Embrapa Monitoramento por Satélite.

FOTO: DIVULGAÇÃO

VEM AÍ AS MELHORES DA DINHEIRO RURAL

FOTO: MONTAGEM SOBRE FOTO DE TOMAS MINA

Inscreva-se no prêmio que mostra quem são as campeãs do agronegócio

O Brasil está colhendo uma das maiores safras de grãos de sua história, principalmente de culturas de exportação, como a soja e o milho. Mas não é somente isso. O País se mantém como o maior exportador de açúcar, café e proteína animal, entre elas as carnes bovina e de frango, do mundo. Por conta desse desempenho, a previsão é de que o Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP), uma medida das riquezas que circulam no campo, alcance R$ 546,3 bilhões em 2017, o maior dos últimos 27 anos. É para homenagear os empreendedores que fazem parte desse Brasil que dá certo, que a Editora Três criou o prêmio AS MELHORES DA DINHEIRO RURAL, que chega, agora, ao seu quinto ano. **As inscrições para a edição de 2017 já estão abertas e vão até.** Seu objetivo é mostrar as histórias de sucesso de empresas, cooperativas e produtores rurais que se destacam em suas áreas de atuação, ao aplicarem em seus negócios as melhores práticas em gestão financeira e corporativa do mercado. Os melhores do ano serão conhecidos em um grande encontro, já agendado para o novembro, em São Paulo.

O prêmio da DINHEIRO RURAL, inovador desde a sua criação, nasceu em 2013 e, desde então, é uma referência das melhores práticas no campo. Além dos campeões em suas categorias, a homenagem também se estende ao ranking das 500 Maiores Empresas, baseado unicamente nos seus resultados financeiros auditados. Para participar, as empresas terão de se inscrever no site *www.asmelhoresdadinheirorural.com.br* e preencher um questionário sobre suas práticas de gestão nas áreas de sustentabilidade, recursos humanos, inovação, qualidade e sobre o seu papel na integração da cadeia do agronegócio. Além da Empresa do Ano, o prêmio destaca, em cada um dos 12 segmentos selecionados, as companhias com o melhor desempenho.

Nos últimos anos, gigantes em seus mercados foram premiadas pela DINHEIRO RURAL. Entre elas, Cargill, BRF, Coamo, Comigo, Ambev, Anaconda, SLC Agrícola, Basf, Aurora Alimentos, Bayer, Ihara e Syngenta. Além das cooperativas, dos conglomerados e das grandes empresas, o prêmio tem destacado também as médias e pequenas companhias, com faturamento entre R$ 5 milhões e R$ 500 milhões. Nesse grupo, já foram premiadas, por exemplo, a Phibro, a Champion e a Duratex Florestal. Para Milton Gamez, diretor de Núcleo da Editora Três, o objetivo é mostrar que o agronegócio ocorre em larga escala e num amplo universo. "Nós pensamos em um prêmio para os melhores, não importa o tamanho do negócio: se é um gigante do setor ou se está a caminho de se tornar um deles", afirma Gamez. AS MELHORES DA DINHEIRO RURAL é uma parceria da revista com o Conselho Científico para Agricultura Sustentável (CCAS), de São Paulo, e o Instituto Universal de Marketing em Agribusiness (I-UMA), com sede em Porto Alegre. Participe!

FUNDADOR
DOMINGO ALZUGARAY
(1932 - 2017)

EDITORA
CATIA ALZUGARAY

PRESIDENTE EXECUTIVO
CACO ALZUGARAY

Dinheiro Rural

DIRETOR EDITORIAL
CARLOS JOSÉ MARQUES

DIRETOR DE NÚCLEO
MILTON GAMEZ

TEXTO
Editor Executivo: Carlos Sambrana
Editora: Vera Ondei
Reporter: Beth Melo, Cauê Vizzaccaro e Fábio Motinho

ARTE
Diretor de Núcleo: Paulo Roberto Alge
Chefe de Arte: Cinthia Behr
Diagramadores: Iara Spina, Jefferson Barbato
Ilustração: Evandro Rodrigues (chefe) e Fábio Luiz da Silva
CTI: Daniel Costa (chefe)

FOTOGRAFIA
Pesquisa: Bruno de Los Santos Fortuna Arquivo: Eduardo A. Conceição Cruz

SUCURSAIS E CORRESPONDENTES
BRASÍLIA: Suely Melo (secretária)

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello. Secretária: Terezinha Scarparo
Assistente: Cláudio Monteiro

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala
Diretor de Vendas Pessoais: Wanderlei Quirino
Gerente OnLine e Projetos Especiais: Solange Chiarioni
Gerente de Venda Avulsa e Logística: Luciano Sinhorini
Gerente Geral de Planejamento: Reginaldo Marques

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566 de 2ª a 6ª feira das 9h às 20h30.
Outras Capitais: 4002-7334
Outras Localidades: 0800-886-2111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

MARKETING – Diretor: Rui Miguel.

PUBLICIDADE
Diretor Nacional: Maurício Arbex
Diretoras de Publicidade: Ana Diniz, Tida Cunha. Secretária de Diretoria: Regina Oliveira.
Executivos de Negócios: Andréa Pezzuto, Batista Foloni Neto, Eduardo Nogueira, Elisângela Simões, João Fernandes, Luciano Tomaz, Luiz Sérgio Siqueira e Tânia Macena.
Assistente: Valéria Esbano
Coordenador: Gilberto di Santo Filho.
MARKETING PUBLICITÁRIO E EVENTOS
Gerente: Marília Trindade Assistente: Marília Gambaro.
Criação – Redator: Bruno Modolo, Arte: Pedro R. de Oliveira
RIO DE JANEIRO-RJ: Gerente-Executiva: Felipe Drummond. Coordenadora de Publicidade: Dilse Dumar. Tel.: 21 2107 6667 · Fax: 21 2107 6669 – BRASÍLIA-DF: Gerente: Marcelo Strufaldi. Tel.: 61 3223 1205 / 3223 1207 · Fax: 61 3223 7732 – ARACAJU-SE: Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · Tel.: 79 3246 4139 / 9978 8962 – BELÉM-PA: Gilcia Diocesano · Dandara Representações · Tel.: 91 3242 3367 / 8125 2751 – BELO HORIZONTE-MG: Célia Maria de Oliveira · 1ª Página Publicidade Ltda. Tel./fax: 31 3291 6751/ 9983 1783 – CAMPINAS-SP: Wagner Medeiros · Partare Comunicação Integrada · Tel.: 19 8238 8808 /3579 8808 – CURITIBA-PR: Maria Marta Craco · M2C Rep Publicitária · Tel.: 41 9962 9554 – FLORIANÓPOLIS-SC: Anuar Pedro Junior e Paulo Velloso · Comtato Negócios · Tel.: 48 9986 7640 / 9989 3346 – FORTALEZA-CE: Leonardo Holanda · Nordeste MKT Empresarial · Tel.: 85 9724 4912/ 8832 2367 / 3038 2038 – GOIÂNIA-GO: Paula Centini · Centini Comunicação · Tel./fax: 62 9221 5575 / 3624 5570 – PORTO ALEGRE-RS: Roberto Gianoni e Thiago Soll · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda. · Tel./fax: 51 3388 7712 RECIFE-PE: André Nicéas e Eduardo Nicéas · Nova Representações Ltda. · Tel./fax: 81 3227 3433 / 9164 1043 / 9164 8231 – RIBEIRÃO PRETO-SP: Andréa Gebin · Partare Comunicação Integrada · Tel.: 16 3236 0016 / 8144 1155 – VILA VELHA-ES: Didimo Effgen · Dicape Representações e Serviços Ltda. · Tel./fax: 27 3229 1986 / 8846 4493 – INTERNACIONAL: Gilmar de Souza Faria · GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda. · Tel.: 55 11 99163 3062

Dinheiro Rural (ISSN 1807-3700) é uma publicação mensal da Três Editorial Ltda. Redação e administração: Rua Rua William Speers, nº 1.088, São Paulo, SP, CEP: 05067-900 – Fone: (11) 3618-4200 – Fax da redação: (11) 3618-4109 Sucursais: Rio de Janeiro: Av. Almirante Barroso nº 63, sala 1510, fones: (21) 240-5234/533-1444 e Fax (21) 240-2925, Brasília: SCS, Quadra 2, Bl. D, Ed. Oscar Niemeyer, sala 201 a 203, Fone: (61) 3321-1212 e Fax (61) 3225-4062.
Dinheiro não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados.
Comercialização e Distribuição: Três Comércio de Publicações Ltda, Rua William Speers, nº 1.212 – São Paulo – SP.
Distribuição exclusiva em bancas para todo o Brasil: FC Comercial e Distribuidora S.A., Rua Dr. Kenkiti Shimomoto, 1678, sala A – Osasco-SP. Tel.: 11 3789 3000
Impressão: LOG & PRINT GRÁFICA E LOGÍSTICA S.A. Rua Joana Foresto Storani, 676, Distrito Industrial – CEP 13280-000 – Vinhedo – SP.

CARTAS

LUTO

Domingo, grande defensor da liberdade de imprensa e de informar sem censura a opinião pública. Vai fazer muita falta para o Brasil, País que ele apaixonadamente adotou. Envio ao Caco Alzugaray, à família e todos da corajosa equipe os sentimentos de pesar, em nome do Conselho Nacional de Pecuária de Corte (CNPC).

SEBASTIÃO GUEDES
presidente do CNPC

Recebam minha solidariedade e da diretoria da Sociedade Nacional da Agricultura

ANTONIO ALVARENGA
presidente da SNA

Meus pêsames
CARLOS VIACAVA
vice-presidente da Associação Nacional de Criadores e Pesquisadores (ANCP)

Meus pêsames ao Grupo Três. Grande fundador, belo legado.
JEFFREY ABRAHMAS
sócio-diretor da Fesap

Meus pêsames.
JOSÉ LUIZ TEJON MEGIDO
coordenador do Núcleo de Agronegócio da ESPM/SP

CAPA

A revista DINHEIRO RURAL, quando chega aos agropecuaristas, chega com todas as informações úteis e práticas, para ver os extensos e verdes campos agrícolas, dentro da realidade e da verdade do agronegócio.

IVONATTO FELIX
Comentário via Facebook

A JBS está se desfazendo dos anéis para não perder os dedos. Essa empresa vai passar por grandes transformações e mostra que as práticas de governança estavam somente no papel.

ROBERTO MELLO
Campo Grande (MS)

O setor frigorífico no Brasil sempre foi pouco transparente. Nunca foi um setor confiável para o pecuarista. Ainda está na memória do produtor os inúmeros calotes que empresas, em nome de laranjas, deram ao longo da história.

MARIANA SILBER
Goiânia (GO)

O grupo Minerva é uma empresa que sempre andou corretamente. Agora, aproveita oportunidades.

RENATO BARBOSA
Jundiaí (SP)

ENTREVISTA

Parabéns pela condução da Esalq/USP, Luiz Gustavo Nussio, atento às análises das políticas públicas, aspecto fundamental à efetividade da intervenção dos profissionais dessa gloriosa Escola. Sugiro um mestrado ou especialização enfatizando políticas tributárias, hoje conduzida fortemente por economistas, sem uma visão tão clara do setor rural e sua importância.

NIVALDO PAVANINI PRATA
Comentário via Facebook

Cartas

Para esta seção, com endereço, RG e telefone, devem ser remetidas para: Diretor de Redação, **DINHEIRO RURAL, Rua William Speers, 1.088, Lapa, São Paulo, CEP 05067-900. Fax: (11) 3618-4109.** E-mail: *dinheirorural@revistadinheiro.com.br*. As cartas poderão ser editadas em razão de seu tamanho ou incompreensão.

“Não somos contra a suspensão da vacinação da febre aftosa”

Emílio Carlos Salani, vice-presidente executivo do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal fala sobre as políticas para um setor que movimenta R$ 5 bilhões por ano

VERA ONDEI E BÉTH MÉLO

O médico veterinário Emílio Carlos Salani, vice-presidente executivo do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (Sindan), entidade que representa 80 empresas de medicamentos veterinários que atuam no País, tem uma tarefa difícil pela frente. O setor está no centro de uma discussão quente, que polariza de um lado os defensores da continuidade da vacinação do rebanho de 217,5 milhões de bovinos contra o vírus da febre aftosa e, de outro, os que acreditam que o País está preparado para a sua suspensão. A produção de 500 milhões de doses de vacina, por ano, tem protegido o rebanho daqui, de uma doença contagiosa erradicada na maior parte dos países produtores de proteína animal. “Não somos ou seremos contra a suspensão da vacinação da febre aftosa”, diz. “Mas a aftosa tem um viés político muito forte.” Na entrevista que o executivo concedeu à DINHEIRO RURAL, ele também fala de antibióticos, bem estar e o novo papel da indústria farmacêutica animal, um setor que movimenta R$ 5 bilhões por ano, no País.

DINHEIRO RURAL – Quanto o Brasil pode perder por causa do embargo dos Estados Unidos à carne bovina brasileira?
EMILIO CARLOS SALANI – *Em termos financeiros, o mercado é pequeno. Mas a perda de imagem é grande. Mas ela é muito intangível porque a gente não consegue mensurá-la.*

RURAL - O retrocesso de uma negociação de abertura de mercado, de quase duas décadas, pode ser colocado na conta de quem?
SALANI – *Não acredito que haja um culpado, tudo isso agora é aprendizado. A primeira lição é: para trabalhar com esse cliente, tenho que estar preparado. Se eu fazia 2%, agora vou fazer 6%. Se eu analisava a carne de modo visual, agora vou olhar com ultrassom. Vou retirar a vacina ou vou reduzir a dose do medicamento? É preciso investir a quatro mãos.*

RURAL – O que a indústria pode fazer para modernizar a vacina, além da diminuição da dosagem de cinco mililitros para dois como ficou definido no mês passado?
SALANI – *A indústria poderia encapsular ou desenvolver vacinas em organismos geneticamente modificados. Só que o setor trabalha com a visão de que essa enfermidade vai desaparecer. Comparada com a de outras enfermidades, a vacina da aftosa não tem tantas evoluções desde que foi criada, na década de 1980. Mas houve melhorias. Ela era aquosa e aplicada a cada quatro meses. Com a oleosa, o tempo passou para seis meses. Há oito anos, quando o Brasil atingiu a condição de livre com vacinação para a maior parte de seu território, o País começou a abrir as portas para a sua carne bovina. Isso porque hoje, pela composição viral da vacina, ao recolher o sangue de um bovino e constatar a presença de anticorpos do vírus da aftosa, é possível diferenciar se eles são de um animal que foi vacinado ou de um animal que foi infectado. Essa análise é decisiva para exportar carne a alguns países, porque é preciso provar que não há circulação viral.*

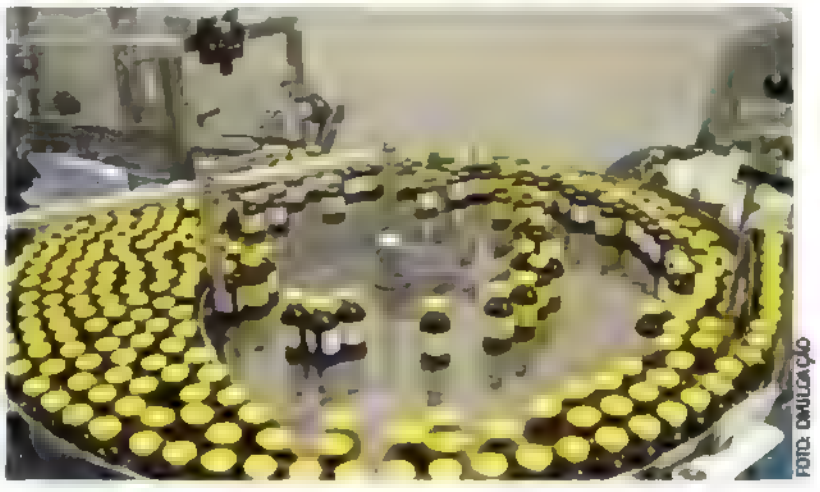
RURAL – Se a aftosa está fadada ao desaparecimento, por que o Sindan tem se posicionado contra a suspensão da vacinação do gado?
SALANI – *Não somos ou seremos contra a suspensão da vacinação da febre aftosa. Mesmo porque a vacina representa cerca de R$ 400 milhões em receita anual, do total de R$ 5 bilhões que a indústria fatura. Mas, apesar do nosso mau hábito de devedor de vacina, trabalhamos fortemente junto às autoridades do Ministério da Agricultura para que a vacinação não seja suspensa, baseada no atual calendário oficial (leia mais na pág. 24). A reintrodução da doença pode criar um impacto muito pior do que continuar vacinando. É preciso desmistificar a ideia de que ganhar mercado depende do status de livre com vacinação ou livre sem ela. O Uruguai, por exemplo, que é área livre com vacinação usando cerca de 80% de vacina brasileira para imunizar o seu rebanho, não tem restrição de exportar carne para nenhum lugar do mundo. No Brasil, a aftosa tem um viés político muito forte, é uma bandeira.*

RURAL – Mas a vacina também funciona como uma bandeira para as empresas farmacêuticas?
SALANI – *Sim, porque é importante ter um produto compulsório, de prateleira. Quando um produtor vai adquirir a vacina, junto ele pode comprar outros produtos. Hoje, oito empresas fabricam a vacina, em um processo agressivo para um produto farmacêutico. Para produzir um lote de vacina, o equivalente a 15 mil litros, estão envolvidos US$ 3 milhões entre o dia zero e o dia 45, quando ele está pronto.*

RURAL – Então, quais bases fundamentam a posição do Sindan?
SALANI – *Nós analisamos 114 questões para suspender a vacinação. São tarefas que precisam ser executadas, como a formação de um banco de antígenos, proteção de fronteiras, estruturação das barreiras sanitárias, alinhamento de equipes de veterinários e zootecnistas. Se o início da suspensão da vacinação ficar para 2019, estamos juntos. Porque a pergunta é: caso haja algum problema, teremos doses suficientes da vacina em estoque? Precisamos investir US$ 500 milhões no embarque dessa tecnologia e hoje temos somente cerca de 100 milhões de doses em estoque.*

RURAL – Do ponto de vista financeiro, se a aftosa representa tão pouco, o que tem sustentado a indústria brasileira de produtos veterinários?
SALANI – *A possibilidade de expansão do mercado. É fato que o Brasil vai continuar sendo um grande produtor de*

"A indústria está virando o leque, baseado em dois pilares: prevenir e produzir com segurança"



EVOLUÇÃO: nos últimos cinco anos, a indústria brasileira criou medicamentos diferenciados e expandiu a produção

FOTO: DIVULGAÇÃO

proteína vermelha e branca para o mundo. Embora no ano passado, o mercado tenha retraído 1% em seu faturamento, já temos sinais de retorno de crescimento em até 7% ao ano, que é a média histórica do setor. Um programa sanitário completo é inferior a 3% do custo total de uma criação. Então, por que negligenciar nesse cuidado? Hoje, não há a possibilidade de abater um boi, um frango ou um suíno sem lançar mão de produtos veterinários.

RURAL – Por isso, o consumidor brasileiro tem a impressão de que consome carne com hormônios e antibióticos?
SALANI – *Essa imagem é complicada. No Brasil é proibido o uso de anabolizantes hormonais para crescimento. Nós não usamos nenhum produto para aumentar o ganho de peso de um animal. O que usamos são os antibióticos permitidos para melhorar o desempenho do animal.*

RURAL – O Brasil não está na contramão da história? Nos Estados Unidos, onde os dois produtos são liberados, os laticínios estão pagando prêmios aos produtores de leite que não utilizam mais a somatotropina (bST, na sigla em inglês).
SALANI – *Não vejo problema no uso desse hormônio natural, produzido pelo próprio organismo do animal. As duas maiores empresas que comercializam bST, hoje, são as americanas Elanco e Merck. É quase inimaginável pensar que essas companhias teriam algum produto inseguro em sua linha. A função do bST é ajudar o animal a produzir mais leite, no nosso caso, aumentar a oferta de proteína animal para que todos possam ter acesso a ela.*

RURAL – Qual o foco atual da indústria veterinária?
SALANI – *A prevenção, justamente para que resulte em menos uso de antibióticos, maior produtividade e bem-estar animal. A indústria está virando o leque, baseado em dois pilares: prevenir e produzir com segurança. Para um País que tem bilhões de aves e milhões de suínos e bovinos, não dá para ficar fazendo nada curativo.*

RURAL – A indústria veterinária tem passado por um processo de fusões e de aquisições. Esse movimento continua?
SALANI – *Nos últimos três anos, importantes fusões e aquisições foram consolidadas. Mas a fase de euforia passou, inclusive de negócios envolvendo grandes grupos estrangeiros no mercado internacional. Acredito que deve ocorrer daqui para a frente apenas negócios pontuais.*

RURAL – Quais os países que tem realizado pesquisas de ponta em sanidade animal?
SALANI – *Isso é bastante difuso. Alguns países têm um regulatório forte em fármacos, outros, em biológicos. Os Estados Unidos, por exemplo, são fortes em fármacos. Já os países europeus, puxam mais a parte biológica.*

"É preciso desmistificar que o mercado depende do status de livre com vacinação ou livre sem ela"

FOTO: DIVULGAÇÃO

CUSTO: a vacina de aftosa representa R$ 400 milhões do total de R$ 5 bilhões da receita da indústria

RURAL – O Brasil não está nesse jogo?
SALANI – *Com os tamanhos dos nossos rebanhos, tivemos que puxar essa carroça. Um dado importante foi a descentralização da pesquisa. Nos últimos cinco anos, o parque industrial brasileiro evoluiu bastante. Elevamos o patamar, criando linhas de produtos diferenciados e expandindo nossa capacidade de produzir. As empresas nacionais investiram pesadamente, enquanto as multinacionais se realinharam com aquisições.*

RURAL – Há exemplos de pesquisas nas quais o Brasil se destaca?
SALANI – *A vacina contra leishmaniose é um caso. Ela foi desenvolvida no Brasil. Outros exemplos são as vacinas de de circovirose, para suínos, e as gumboro e marek, para aves, feitas também nos Estados Unidos. O setor também trabalha com os marcadores moleculares para avaliar o desempenho bovino, ou seja, se um bezerro vai gerar carne com marmoreio, por exemplo.*

RURAL – Quanto as empresas estão investindo?
SALANI – *Uma empresa saudável aplica até 5% de sua receita em pesquisa e desenvolvimento. Os desafios são o tempo e o ritmo dos investimentos. São necessários até dez anos para se descobrir uma nova molécula, além de milhões de dólares para o seu desenvolvimento e licenciamento. Uma solução seria mais parcerias entre os centros de excelência em pesquisa e o setor privado.*

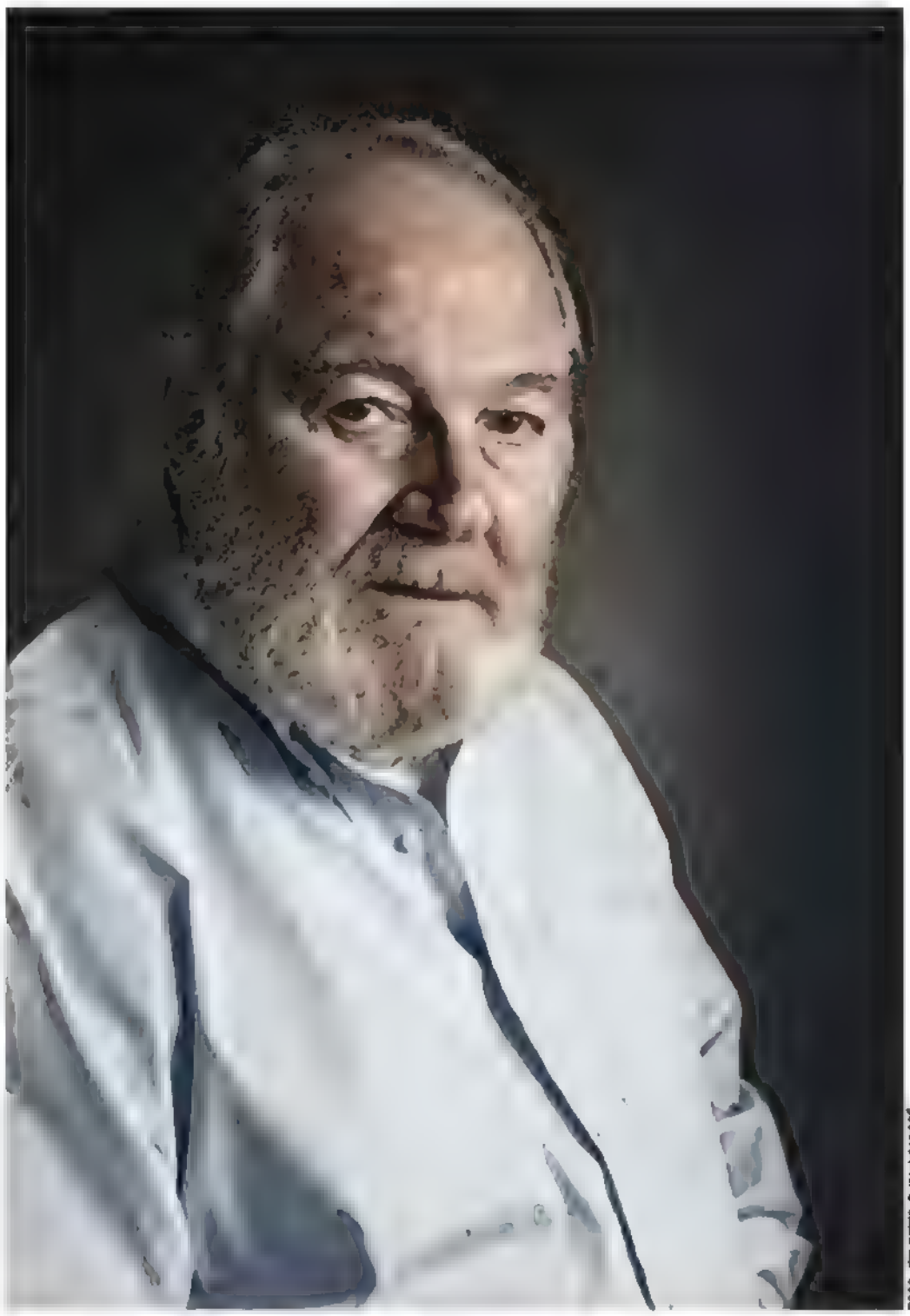


FOTO: FREDERIC JEAN/AGISTOÉ

DESPEDIDA DE DOMINGO ALZUGARAY

Fundador da Editora Três e da revista Dinheiro Rural deixou um legado inestimável para a imprensa e a democracia no Brasil

POR GERMANO OLIVEIRA

Domingo Alzugaray morreu no dia 24 de julho no Hospital Sírio Libanês, em São Paulo, aos 84 anos. Como fundador da Editora Três, Alzugaray deu uma contribuição inestimável ao jornalismo brasileiro. Foi um defensor intransigente da liberdade de expressão e da democracia. Deixa um legado de jornalismo independente e combativo, a serviço do leitor e da verdade. Foi um editor corajoso e incansável batalhador. Conectado sempre com os anseios de uma sociedade exigente, sensível e plural, Alzugaray modernizou e transformou a linha editorial dos veículos de comunicação do País.

O velório e a cerimônia de cremação foram realizados no crematório Horto da Paz, em Itapecerica da Serra (SP), e contou com as presenças do governador de São Paulo, Geraldo Alckmin; do ministro da Fazenda, Henrique Meirelles; do senador José Serra; e de empresários como Luiz Carlos Trabuco, presidente do Bradesco; Norberto Birman, diretor-executivo da Amil; Paulo Kakinoff, presidente da Gol; entre outros.

Nascido na cidade de Victória, província de Entre Ríos, na Argentina, Domingo Alzugaray, Publisher e fundador da Editora Três, que fundou as revistas semanais ISTOÉ e ISTOÉ Dinheiro; as mensais Dinheiro Rural, ISTOÉ Gente, Planeta, Menu, Motor Show e diversas outras publicações, naturalizou-se brasileiro em 1966.

Ele formou-se em Perícia Mercantil, mas preferiu iniciar a carreira como ator, trabalhando em teatro e cinema. Fez filmes como Bendita Seas (1956), Pobres Habrá Siempre (1958) e Meus Amores no Rio (1958). Atuou também em Sábado a la Noche, Cine (1960) e Con el Más Puro Amor (1966). Trabalhou como ator também em fotonovelas, até ser convidado pela Editora Abril para participar da produção de revistas, entre elas a Veja. Nessa editora, foi diretor da Divisão de Revistas e Diretor Comercial.

Em 1972, deixou a Abril e criou a Editora Três, ao lado de Luis Carta e Fabrizio Fasano. A primeira revista a ser produzida pela Editora Três foi a Planeta. Lançou também a Status, a primeira revista brasileira voltada para o público masculino. As revistas ISTOÉ, ISTOÉ Dinheiro e Dinheiro Rural são os carros-chefe da Editora Três até a atualidade.

Com o sucesso editorial, Domingo Alzugaray recebeu várias honrarias, como a medalha Tiradentes em 1998 e o Prêmio Editor em 2011, concedido pela Associação Nacional de Editores de Revistas. Em 2013, recebeu também o Prêmio Personalidade da Comunicação, do Congresso Mega Brasil de Comunicação.

FOTO: ARQUIVO

FOTO: PEDRO DAS/AG. ISTOÉ

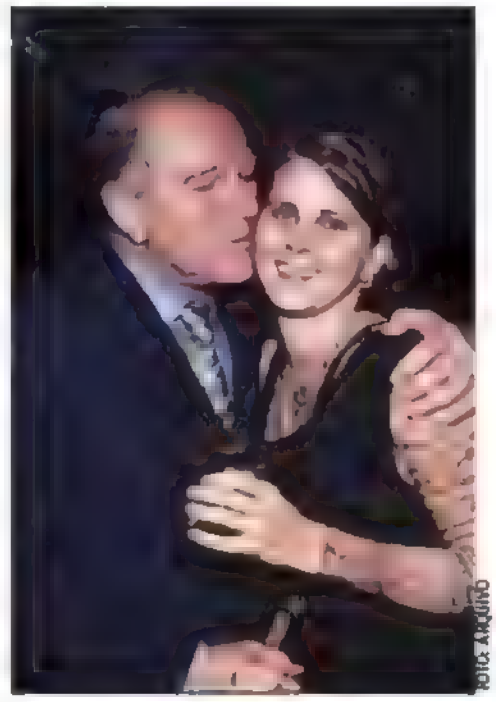


FOTO: ARQUIVO

DOMINGO ALZUGARAY com sua esposa Cátia (no alto), o filho Caco, presidente executivo da Editora Três, e a filha Paula, diretora de redação da revista Select

Suspender a vacinação do rebanho bovino contra o vírus
Resta saber se ele conseguirá terminar uma lição de casa

O Brasil está finaln

FOTO: JOSÉ SOUZA/A. RADE FOLHAPRESS

da febre aftosa é uma discussão acirrada no País.
que começou ainda na década de 1990

nente preparado?

CAIÉ VIZZACCARO

Desde o início do ano, a pecuária brasileira tem navegado por um mar revolto e turbulento. Os fatos recentes que macularam o setor após a deflagração da Operação Carne Fraca, em março, levaram ao que já era esperado: o mundo está de olhos bem abertos ao sistema de inspeção sanitária no País, responsável por liberar toda proteína animal embarcada nos portos brasileiros. E não é pouca: no ano passado foram 6,7 milhões de toneladas de carnes, entre bovina, suína, de frangos e de outros animais, por US$ 14,2 bilhões. Apenas

GADO SADIO: os gastos estimatidos para controlar a febre aftosa no rebanho de 217,5 milhões de bovinos são de R$ 2 bilhões anuais

FOTO: AMAURI FERNANDES/AG. ESTADO/AE

EXPORTAÇÃO: os embarques de carne bovina renderam ao Brasil R$ 2,6 bilhões desde o início de 2017

de carne bovina, que no ano passado faturou US$ 5,3 bilhões, os embarques de 2017 já somam 651,8 mil toneladas por US$ 2,6 bilhões. Não por acaso, em junho, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda, na sigla em inglês) suspendeu a entrada de carne bovina brasileira, por desconfiar da qualidade do produto. O mote? Gânglios e nódulos encontrados em parte das peças embarcadas, uma possível reação do organismo dos animais à aplicação da vacina contra a febre aftosa. O fato engrossa o caldo de uma discussão que não é nova no País: o Brasil está preparado para suspender a vacinação contra essa doença altamente contagiosa, introduzida por aqui nos anos 1890, com a entrada de gado europeu? Quais seriam as consequências para o maior rebanho comercial do mundo, de 217,5 milhões de bovinos, ao não receber anualmente as salvadoras doses de cinco mililitros de medicamento? "Risco zero não existe, mas o País já está preparado há muitos anos para suspender a vacinação", diz Sebastião Guedes, presidente do Grupo Interamericano para Erradicação da Febre Aftosa (Giefa), e vice-presidente de Relações Internacionais do Conselho Nacional da Pecuária de Corte (CNPC). "Temos 12 Estados e o Distrito Federal que há mais de 20 anos não apresentam foco de aftosa, onde estão 118 milhões de animais, entre bovinos e bubalinos. E temos nove Estados sem foco, entre 15 e 20 anos. São mais 41 milhões de animais." Para João de Almeida Sampaio Filho, diretor de Relações Institucionais do Minerva Foods, grupo que no ano passado faturou R$ 10,2 bilhões, deixar de vacinar o gado é uma decisão que precisa ser melhor analisada. "Antes de pensarmos na erradicação da vacinação, poderíamos melhorar a vacina, com uma que só precisasse ser aplicada uma vez ao ano", diz ele. "Também são necessários mais estudos para definir uma ação homogênea na América do Sul. Ainda há uma série de mudanças que precisam ser feitas em conjunto."

A febre aftosa, embora raramente leve o gado a óbito, ou seja transmitida a humanos, pode trazer prejuízos gigantescos por tornar economicamente inviável o comércio do animal infectado. O medo com as consequências de surtos, caso a vacinação seja suspensa, ainda habita na memória dos pecuaristas. A mais recente catástrofe, com focos da doença no Rio Grande do Sul, Paraná e em Mato Grosso do Sul, nos anos 2000, fez com que 56 países embargassem a carne brasileira. Somente os sul-mato-grossenses gastaram R$ 30 milhões para erradicar 33 focos da doença, com o sacrifício de cerca de 33 mil animais. Hoje, as despesas do País para controlar a doença são estimadas em cerca de R$ 2 bilhões anuais. No caso dos Estados Unidos, o Brasil pedia o direito de exportar carne in natura para o país desde 1999, o que foi aceito no ano passado. De uma cota negociada de 64 mil toneladas anuais, conseguiu embarcar apenas 11,7 mil toneladas por US$ 49 milhões, até ser pego na fiscalização. Mas é fato que o Brasil pode ter ganhos financeiros com o fim da vacinação. Por exemplo, com a abertura irrestrita do mercado asiático, onde a carne livre de vacinação é mais valorizada. "Japão, Coreia do Sul e Singapura pagam um alto preço pela carne de locais sem a febre aftosa", afirma Guedes. "O Japão paga US$ 20 mil por tonelada de língua bovina vinda de país sem vacinação. O Brasil vende esse corte para outros países por US$ 4 mil."

Nos últimos anos, e mais especificamente agora, a vacina tem gerado atrito entre represtantes das associações de produtores e a indústria frigorífica de um lado e, de outro, setores da indústria de saúde animal. Entidades como a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec), a Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo), a Associação dos Criadores de Mato Grosso (Acrimat), a Sociedade Rural Brasileira (SRB) e CNPC reclamam que ela é ultrapassada. **A fórmula oleosa criada em 1993, em substituição à vacina aquosa, contém um componente chamado saponina, causador dos nódulos na carne vendida aos americanos.** "A reação à vacina oleosa foi a principal causa do embargo", diz Guedes. Emílio Carlos Salani, vice-presidente executivo do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (Sindan), afirma que a saponina é apenas um indutor de imunidade. "O problema pode ser oriundo de erros na vacinação ou na toalete das peças de carne", diz Salani. "Já vi gente vacinando gado na costela e tem quem queira vacinar na prega caudal, quando o correto é na tábua do pescoço." Em meio à troca de farpas, no final do mês passado, o Mapa decidiu abolir a substância, mas isso é só o começo. Outra medida foi a adesão do Brasil à proposta da criação de um banco de antígenos e vacinas para a América Latina. De acordo com Guilherme Marques, diretor do Departamento de Saúde Animal do Mapa e presidente da

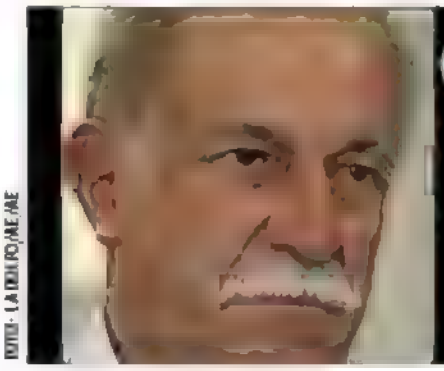


FOTO: LALO DE ALMEIDA/AE

"Risco zero não existe, mas o País já está preparado há muitos anos para suspender a vacinação"
Sebastião Guedes, presidente do Giefa

Comissão Sul-Americana para a Luta Contra a Febre Aftosa (Cosalfa), a medida dará segurança ao setor. "O banco vai permitir enfrentar problemas futuros, após a retirada da vacina", diz Marques. "E contribuir para aquelas nações que não tenham à disposição doses do produto em quantidade suficiente para imunizar seus rebanhos."

CALENDÁRIO Até o ano de 1992, o Brasil apenas controlava a doença. A partir desta data, começaram os planos de erradicação. A mais recente revisão do plano estratégico do Programa Nacional de Erradicação da Febre Aftosa (PNEFA) foi apresentada pelo Mapa no mês de abril para o período de 2017 a 2026. Um dos principais pontos é a suspensão total da vacinação, entre os anos de 2019 e de 2021, e o reconhecimento da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), como país livre da doença em 2023. O Brasil foi dividido em cinco regiões e o início do processo deve ser nos Estados de Rondônia e do Acre. "Maio de 2018 é a data indicada para a erradicação da febre aftosa no País. Neste ano, 99% do rebanho estarão livres com vacinação, com reconhecimento internacional da OIE, mais Santa Catarina que já é livre sem vacinação", diz Marques. É essa conta que tem levado setores da pecuária à justificar a suspensão da vacina.

Mas as datas apresentadas pelo Mapa se chocam com o calendário sugerido pelo Sindan. "Não somos contra parar de vacinar", diz Salani. "Mas quando a vacinação terminar, nós fecharemos as indústrias porque elas não são de multipropósito." Trocando em miúdos, a indústria veterinária sinaliza ao governo que não manterá fábricas de vacina em atividade. Caso haja algum foco da doença, o País não teria como vacinar os animais. Hoje, as vacinas contra a aftosa geram uma receita de R$ 400 milhões às farmacêuticas de produto animal, setor que fatura R$ 5 bilhões por ano. **"Nós já informamos ao governo que no dia que suspender a vacina no Acre e em Rondônia, fecharemos as torneiras para estes Estados. Caso haja um problema será necessário um estoque de vacina e não de antígeno, como indica o governo", afirma Salani.** "Por isso, o Sindan indica a suspensão das vacinas somente a partir de 2021." Outro empecilho é a medida da dosagem, que deve diminuir para dois mililitros daqui para a frente, menos da metade da dose atual. Hoje são cinco mililitros, contendo os sorotipos contra os vírus do tipo A, C e O da doença. O Mapa autorizou a retirada do vírus C, que está erradicado mundialmente. De acordo com Salani, a indústria entregaria ao governo as partidas com a nova dosagem em abril do próximo ano, para aprovação até novembro. "Devemos ter as vacinas de dois mililitros em maio de 2019", afirma o executivo (*leia mais na pág. 18*).

Fontes: CIEF, Instituto de Economia Agrícola de São Paulo, Mapa e Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca de Santa Catarina

De acordo com Pedro de Camargo Neto, vice-presidente da SRB, e uma das lideranças mais ativas a partir dos anos 1990, época em que o Brasil decidiu que deveria erradicar a doença, o Mapa não deve exigir que o setor pare de vacinar o gado. "Uma imposição do governo, de cima para baixo, dificilmente dará resultado", diz ele. Camargo Neto faz parte da geração de lideranças que criaram o Fundo de Desenvolvimento da Pecuária do Estado de São Paulo (Fundepec), em 1991 , depois levado a outros Estados. No ano de 1994, dos 159 milhões de bovinos e bubalinos, 64% eram vacinados. Em 2001, pela primeira vez, o porcentual ficou acima de 90% para o rebanho que à época era de 170 milhões. "Criamos uma campanha de vacinação, vigilância sanitária, controle de trânsito dos animais e cadastro do rebanho com recursos bancados pelos produtores", afirma Camargo Neto. "Mas isso ocorreu porque os pecuaristas entenderam que perderiam muito dinheiro se não pagassem pelo serviço e porque o movimento foi construído de baixo para cima, entre produtores e veterinários." Já no plano do PNEFA, segundo Marques, o valor e como ele será arrecadado é uma discussão aberta. Mas ele indica algo próximo de R$ 100 milhões ao ano, a serem bancados pelo setor privado e pelos produtores de gado. "Essa conversa deve ir até o fim de 2017", afirma Marques.

Produtores pressionam o governo para aumentar com o combustível de petróleo, um produto que

CAUÊ VIZZACCARO

No dia 5 de julho, o ministro de Minas e Energia, Fernando Coelho Filho, iniciou sua agenda com a assinatura de um acordo para que a BR Distribuidora, que é subsidiária da Petrobras, forneça biodiesel para testes de motores a diesel. O encontro aconteceu em Brasília, com a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove), a Associação dos Produtores de Biodiesel do Brasil (Aprobio) e a União Brasileira do Biodiesel e Bioquerosene (Ubrabio). As entidades têm pressa para que esses testes ganhem ritmo, porque são fundamentais para validar o uso de biodiesel no diesel de petróleo acima dos atuais 8%, instituídos em março deste ano. Por exemplo, em patamares mais elevados, como B10, B15 e B20. "O Brasil será um exemplo de como o governo e a iniciativa privada podem trabalhar juntos para o desenvolvimento do País", disse Coelho Filho durante o encontro.

O acordo é uma resposta aos produtores de biodiesel, que vinham reivindicando o aumento para 9% na mistura ainda neste ano. Mas o governo já sinalizou que não voltará atrás do que foi determinado pela Lei 13.263, de 2016, na qual se estabeleceu que a partir de março a mistura deveria conter o mínimo de 8% de biodiesel, e somente um ano depois subir para 9%, chegando em 10% em março de 2019. Segundo Plínio Nastari, membro do Conselho Nacional de Política Energética (CNPE), órgão de assessoramento do presidente da República para formulação de políticas e diretrizes de energia, e presidente da consultoria Datagro, havia um pleito dos produtores de biodiesel para aprovar o B9 para o mês de setembro. "Mas já no pleito se viu que não haveria tempo hábil", diz Nastari.

Para os produtores, o aumento para B9 ainda neste ano estimularia a produção imediata do biocombustível. A estimativa de produção para 2017 é de 4,4 bilhões de litros de biodiesel, ante os 3,8 bilhões de litros em 2016. **Mas, no ano passado, a capacidade instalada autorizada a operar comercialmente já era de 7,3 bilhões de litros, o que significa uma ociosidade no setor da ordem de 2,9 bilhões de litros.** Segundo a Ubrabio, cerca de 15 unidades produtoras estão paralisadas. A ociosidade no setor tem sido da ordem de 50% nas últimas safras. Por isso as lideranças querem pressa nos testes. Para Erasmo Battistella, presidente da Aprobio e CEO da BSBios, empresa com sede em Passo Fundo (RS), que processa 216 milhões de litros de biodiesel derivado da soja, o setor está preparado para antecipar até o B10, caso o governo decida por essa política. "O governo precisa avaliar a cadeia como um todo, já que há um pedido enfático das distribuidoras, principalmente, as ligadas ao Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Combustíveis e de Lubrificantes, de

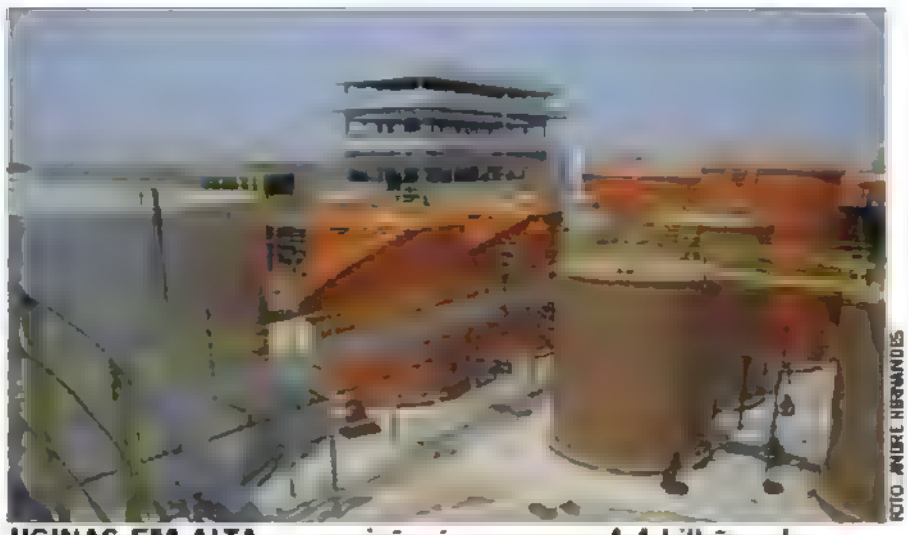


FOTO JANDRE HERNANDES

USINAS EM ALTA: a previsão é processar 4,4 bilhões de litros do combustível renovável neste ano, 16% acima de 2016

A BATALHA DO BIODIESEL

a participação do diesel renovável na mistura neste ano deve bater recorde na importação

passar direto ao B10 em 2018", afirma Battistela. "O consumo de diesel no Brasil caiu 20% nos últimos dois anos e continuamos importando diesel. Isso mostra que o Brasil não é autossuficiente. Essa dependência reforça a importância de maior produção de biodiesel."

De acordo com Donizete Tokarski, diretor-superintendente da Ubrabio, seria conveniente estabelecer uma escala ao longo dos anos. "Uma escala na qual se estabelecesse o B11 ou B12, em 2019, e seguir aumentando", afirma ele. "Uma escala com previsibilidade para que os segmentos fiquem confortáveis com a ampliação da mistura." Desde o início do ano, o Brasil vem importando cerca de um bilhão de litros de diesel, por mês. As projeções da Ubrabio mostram que elas serão recordes neste ano. Em 2016, o País consumiu 54,2 bilhões de litros de diesel de petróleo, dos quais 7,9 bilhões foram importados.

Além de favorecer a balança comercial, por diminuirmos a dependência à importação de diesel, aumentar a produção de biodiesel vai em linha com os compromissos do País, assinados nos pactos sobre o clima, como o Acordo de Paris, e ratificados pelo RenovaBio. Paula Regina Gomes Cadette, diretora financeira da Granol, empresa que no ano passado faturou R$ 3 bilhões com o processamento de 340,4 milhões de litros, esse ganho precisa ser colocado na conta do setor. "O biodiesel é uma oportunidade ao País para diminuir a poluição ambiental", afirma Cadette. "O diesel renovável emite até 70% menos gás carbônico que o óleo diesel." A Granol, uma das maiores do setor, com 1,8 mil funcionários, possui unidades em Anápolis (GO), Porto Nacional (TO) e Cachoeira do Sul (RS). A capacidade instalada é para produzir 1,1 bilhão de litros por ano.

FOTO: JOÃO CASTELLANO/AG. ISTOÉ

Erasmo Battistela, presidente da BSBios

"Continuamos importando diesel. Isso mostra que o Brasil não é autossuficiente"

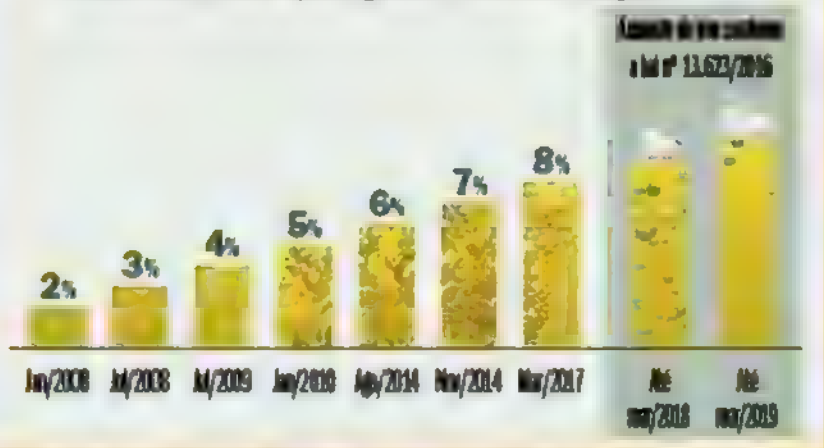
FOTO: MARCELO CAMARGO/AG. BRASIL

Fernando Coelho Filho, ministro de Minas e Energia

"O Brasil será um exemplo de como o governo e a iniciativa privada podem trabalhar juntos"

A EVOLUÇÃO DA MISTURA

Como ficou estabelecido o teor do combustível renovável no diesel fóssil, desde que o governo o tornou obrigatório



FAMÍLIA UNIDA: Alcides Brunetta e sua esposa Vanice (ao centro) e seus filhos (da esq. para a dir.) Givanildo, Giovana e Ana, além do genro Alves Borgo, na plantação de trigo

Herança sustentável

Como o rigoroso plano de rotação de culturas e de defensivos agrícolas fizeram a propriedade da família Brunetta, no interior do Paraná, um exemplo das boas práticas agrícolas no País

FÁBIO MOITINHO, DE MAMBORÊ (PR)

Ser agricultor no Brasil é tarefa para os fortes. Somente eles conseguem suportar as pressões que vêm de dentro e de fora da porteira. Do lado de fora, a maior parte da opinião pública, que desconhece o que são as boas práticas no campo, acredita que a maioria dos produtores são os vilões da história, envenenando as plantações com os defensivos agrícolas. O fato é que o Brasil consome pouco agroquímico, comparado à área cultivada. Enquanto na Holanda se aplica 20,8 quilos de ingrediente ativo por hectare, no País são apenas 2,3 quilos por hectare, segundo o Conselho Científico para a Agricultura Sustentável (CCAS). Já dentro da porteira, uma série de pragas fica à espreita de um deslize do produtor para causar danos fabulosos. Mas há produtores que aprenderam a contornar esse problema e têm se saído muito bem na tarefa. "Decidimos fazer o que é certo, seguindo todas as recomendações técnicas", diz Alcides Brunetta, 82 anos, dono da fazenda Santa Ana, de 1,4 mil hecta-

FOTO: GABRIEL REIS

APLICAÇÃO NOS TRINQUES: paramentado com o equipamento de proteção individual, o funcionário da Santa Ana faz a regulagem do pulverizador

res em Mamborê, no interior do Paraná. Com cultivos de soja, milho, trigo e aveia intercalados em 1,1 mil hectare, a propriedade é um exemplo de boas práticas agrícolas. Mais do que tudo, Brunetta prega o respeito às normas de uso de agroquímicos, o cuidado com a segurança e a saúde dos funcionários, a preservação de matas e a manutenção do solo sempre fértil. Para José Aroldo Gallassini, presidente da Coamo, a maior cooperativa de grãos do País, que faturou R$ 10,8 bilhões em 2016, esse é o único caminho para produzir e alimentar uma população crescente. "No Brasil, sem os defensivos não se colhe em grande escala", diz Gallassini.

Hoje, a Coamo mantém 250 técnicos agrícolas para assistir seus 28,2 mil cooperados. Brunetta é um deles. O produtor foi um dos desbravadores rurais no Paraná. A esposa Vanice Clotilde Brunetta, 73 anos, conta que aos 36 anos ele deixou sua terra natal, Santa Catarina, em busca de um lugar melhor para plantar. "Morávamos num terreno pedregoso e que faltava água", diz. "Foi em Mamborê que encontramos o lugar ideal, e tinha o que nos faltava: água." Dos 46 anos agricultando as terras no Paraná, os últimos 15 anos foram dedicados à intensificação das boas práticas agrícolas, com a ajuda da Coamo.

O trabalho envolve a seleção de cultivares de alta tecnologia, defensivos de última geração e um plano de rotação de plantios e de produtos aplicados no campo. De acordo com o agrônomo Diego Monteiro, técnico de campo da cooperativa, durante a safra, por exemplo, não se repetem os mecanismos de ação dos defensivos. "Entre fungicidas, inseticidas e herbicidas, trabalhamos com quatro mecanismos diferentes para cada grupo", diz Monteiro. No jargão técnico, o mecanismo de ação é como o produto faz a planta daninha morrer. Se usar sempre o mesmo, ela torna-se resistente mais rapidamente. No caso da Santa Ana, também são realizados treinamentos regulares com os dez funcionários da fazenda, sobre segurança do trabalho, saúde e a importância dos equipamentos de proteção individual (EPIs) ao manusear os agroquímicos. O trabalho é supervisionado pelos filhos de Brunetta, Ana Borgo, Givanildo e Giovana Patrício, além do genro Alceu Borgo, que hoje são os herdeiros que administram a fazenda.

OS NOVE PASSOS

As regras básicas que o produtor deve seguir para ter sucesso no campo

- Seguir exatamente as orientações técnicas dos produtos
- Rotacionar defensivos (mecanismos de ação)
- Rotacionar cultivos
- Investir em novas tecnologias
- Monitorar pragas e doenças
- Aplicação de produtos no momento certo
- Melhorar a qualidade do solo
- Capacitar os funcionários
- Garantir segurança e a saúde dos funcionários

FOTO: GABRIEL REIS

FORA DE RISCO: na fazenda não há registro de plantas daninhas resistentes por rotacionar cultivos e defensivos com diferentes

O atual nível de sofisticação tem exigido mais do que trabalho duro. É preciso investir também. Da média de 190 sacas de 60 quilos de grãos colhidos anualmente, por hectare, o custo total tem ficado em 110 sacas por hectare com o uso de defensivos, máquinas e mão de obra. O custo médio para quem não utiliza alta tecnologia é de 65 sacas por hectare na região. Para o agrônomo Givanildo Brunetta a vantagem é maior, no final das contas. "É por causa desse investimento que mantemos a produtividade", diz Givanildo. Na cultura da

soja, por exemplo, a produtividade saltou 8,6% nas últimas três safras. Saiu de 72,3 sacas por hectare em 2014/2015 para 78,5 sacas no ciclo 2016/2017. Baseado nos preços médios da soja e do milho na safra passada, foram cerca de R$ 7 milhões em receita.

O resultado do trabalho na fazenda tem ido além de superar em 26,6% a média de produtividade de soja do Paraná, que hoje é de 62 sacas por hectare. Na Santa Ana não há sinal de prejuízo com as plantas daninhas resistentes, **um problema causado pelo erro de dosagem de herbicidas e pelo uso de produtos com o mesmo mecanismo de ação. Essa prática tornou mais fortes algumas espécies que hoje estão espalhadas em 20 milhões de hectares no País, segundo a Embrapa.** Entre as 34 plantas consideradas pragas nas lavouras, as principais são a buva, o azevém, o amargoso, o capim-pé-de-galinha e o caruru-gigante. A conta é do agrônomo Mauro Rizzardi, pesquisador da Universidade de Passo Fundo (UPF), no Rio Grande do Sul, e membro da Iniciativa 2,4-D, criada pela americana Dow AgroSciences e a australiana Nufarm. Além dele, outros sete pesquisadores integram a Iniciativa 2,4-D. A ideia do grupo é que personagens como Brunetta sejam mais comuns no País. Isso porque, embora se use em pouca quantidade de defensivo por área, há muitos erros de aplicação. "Nosso propósito é gerar informação técnica sobre o uso correto e seguro dos defensivos agrícolas", diz Rizzardi.

A preocupação é grande porque só existem no mundo 13 mecanismos diferentes de ação dos defensivos que podem ser compartilhados pela indústria. No Brasil são 12, e três já estão na lista dos quais não impedem mais o avanço de plantas daninhas. "O glifosato é um deles", diz Rizzardi. "O que é preocupante, dada à importância dessa molécula para o manejo de daninhas". Segundo a agrônoma Ana Cristina Pinheiro, coordenadora do Programa Boas Práticas Agrícolas da Dow e da Iniciativa 2,4-D, foi justamente a partir do uso excessivo do glifosato, nos Estados Unidos, que hoje o país enfrenta uma alta infestação de plantas resistentes a herbicidas. "Apesar de os agricultores americanos terem um histórico de conhecer bem as boas práticas agrícolas, eles optaram por utilizar apenas um tipo de produto, esquecendo o manejo integrado de pragas", diz Pinheiro.

O Brasil está nessa mesma rota dos americanos, mas a história pode mudar, se as prescrições técnicas forem seguidas. Por isso, desde 2010, a Dow, em parceria com universidades como a UPF e a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita" (Unesp) desenvolve treinamentos e palestras itinerantes, conscientizando produtores e funcionários das fazendas. Não há dados precisos sobre a área abrangida até agora, mas o foco é sempre as principais regiões produtoras de grãos do País. Até o final do ano passado, 16 mil pessoas foram treinadas, em 20 Estados. Neste ano, a meta é chegar em dezembro com mais quatro mil capacitações. "Queremos avançar mais" diz Pinheiro. "Hoje, dentro de uma plataforma digital, com vídeos, por exemplo, levamos o conhecimento de uma forma mais simples e de fácil entendimento."

Nesse sentido, até para o público urbano o tema tem sido passado a limpo. No mês passado, o jornalista Nicholas Vital apresentou em São Paulo seu livro "Agradeça aos agrotóxicos por estar vivo", lançado pela Editora Record. "O que se propaga sobre o tema é uma prática do terror aos agroquímicos", afirma Vital. O trabalho de apuração e entrevistas com cerca de 50 especialistas, entre médicos, biólogos e agrônomos durou dois anos. "O problema é o uso incorreto dos defensivos", diz Vital. "Há dados mostrando que apenas 15% dos trabalhadores no campo usam o EPI. Esse é o erro."

VITRINE DA PRODUTIVIDADE

Como as fazendas experimentais ajudam o produtor a melhorar o desempenho de seu negócio

FÁBIO MOITINHO, DE PEDRA PRETA (MT)

O nome é sugestivo: Fazendinha, uma propriedade de 314 hectares no município de Pedra Preta, próximo de Rondonópolis, a maior cidade do Estado de Mato Grosso, depois da capital Cuiabá. Mas, o que pode parecer uma área de lazer, em meio à imensidão de fazendas que facilmente ultrapassam três mil hectares para acomodar o maior rebanho bovino do País, é na verdade um centro de pesquisa que vem se tornando referência na região. "Na Fazendinha, mostramos aos produtores como é possível traçar uma meta para rentabilizar a produção de gado", diz o agrônomo Roberto Aguiar, 39 anos, dono da Fazendinha e sócio da brasileira Nutripura, de Rondonópolis, empresa de nutrição animal que no ano passado faturou R$ 75 milhões. "Bons resultados não são frutos apenas da nutrição, mas de uma equipe de peões e de gestores bem alinhados com as necessidades de uma propriedade."

A Nutripura pode ser considerada uma empresa nanica perto de companhias como a Ourofino, de Cravinhos (SP), que fatura R$ 450 milhões por ano, ou de gigantes como a multinacional de origem holandesa DSM Tortuga, que fatura na casa do bilhão. Mas está em linha com a política de extensão rural que essas empresas praticam: elas mantêm áreas próprias para pesquisas, com o propósito de testar e desenvolver tecnologias. A Ourofino, por exemplo, mantém uma área de 400 hectares no município de Guatapará (SP). Já a DSM possui a fazenda Caçadinha, de 5,2 mil hectares em Rio Brilhante (MS). "Com um centro próprio, podemos consolidar pesquisas mais abrangentes", diz Jardel Massari, presidente da Ourofino. "Com isso, aceleramos nossos projetos." Com o centro, que começou a funcionar em 2014, as pesquisas passaram a uma duração média de seis meses. Antes, em áreas terceirizadas ou em parcerias, a média era de 14 meses.

Hoje, no caso da Nutripura, o projeto de maior impacto mede os efeitos do uso de farelo proveniente de usinas de etanol de milho (DDG, na sigla em inglês). O subproduto, que é utilizado pelas fazendas americanas, pode ser um grande aliado na criação do gado. "O DDG possui excelentes características de nutrição e pode estar mais presente na dieta de bovinos", afirma Aguiar. O Estado de Mato Grosso possui atualmente quatro usinas que processam o etanol de milho, com capacidade para ofertar cerca de 140 mil toneladas de DDG anuais. É uma mão na roda para um rebanho que não para de crescer desde a safra 2014. Atualmente são 30,2 milhões de animais, 3,3% acima de 2016, segundo o Instituto de Defesa Agropecuária (Indea), ligado ao governo do Estado.

Para o agrônomo Moacyr Corsi, professor da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (Esalq/USP) e membro do conselho técnico do centro da Nutripura, o caminho para melhorar a pecuária do País é as fazendas estarem com todas as informações na ponta do lápis, como os ganhos diários de peso e o que o gado está comendo. "É a falta de coleta e análise de dados que provoca incerteza no pecuarista", diz Corsi. "Isso faz com que o

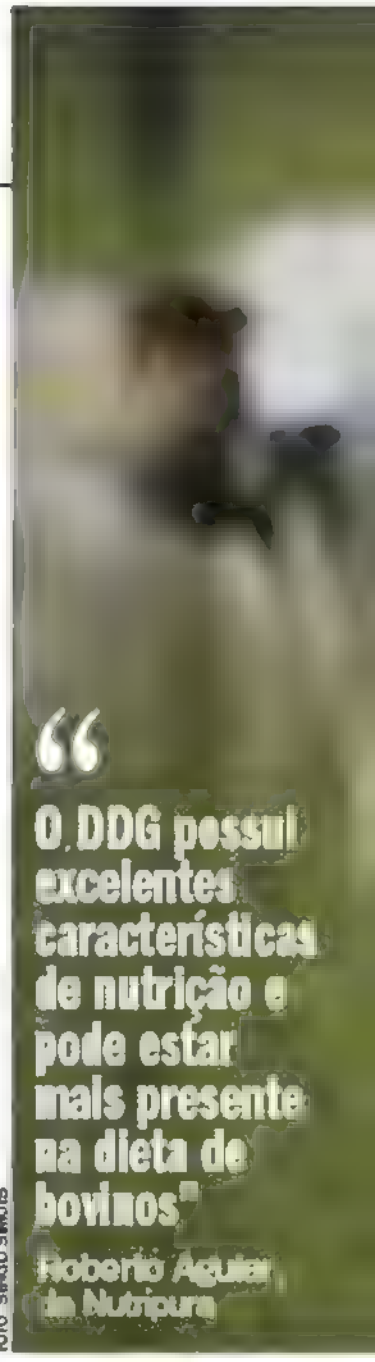


FOTO SERGIO SAMOIS

DE OLHO NA PESQUISA

Por que as empresas investem em áreas próprias de estudo

- TESTES DE PRODUTOS podem ser mais acelerados
- ESTUDOS LONGOS ficam sob o controle da empresa
- PESQUISADORES INDEPENDENTES e de várias origens podem integrar seus conselhos

“É a falta de coleta e análise de dados que provoca incerteza no pecuarista”

Moacyr Corsi, pesquisador da Esalq/USP

produtor hesite em investir no sistema de produção.” Corsi é um dos nove conselheiros do centro, que também conta com pesquisadores internacionais, como é o caso do veterinário americano James Drouillard, professor da Universidade do Kansas, além de brasileiros de outras universidades. A equipe é coordenada pelo veterinário Lainer Leite, diretor de pesquisa do centro. “Aos poucos, montamos um corpo técnico que vem agregando valor à nossa pecuária”, diz ele.

Para a alimentação de bovinos, o DDG é uma opção mais barata do que o farelo de soja. Hoje, uma tonelada custa R$ 980, cerca de 14% menos que o subproduto da soja. **Na Fazendinha, o uso do DDG na safra passada significou uma queda de 11,7% no custo de cada arroba de carne produzida. Seria de R$ 94 com a soja, mas ficou em R$ 83 com o DDG.** Além de ser mais econômica, os teores de proteína bruta no subproduto do milho chegam a 30%, ante 45% no farelo da oleaginosa. Essas pesquisas podem ajudar a reverter um quadro nada bom para a pecuária brasileira. A taxa anual de lotação de animais é muito baixa no Brasil. Por hectare, são cerca de 0,8 Unidade Animal (uma UA equivale a 450 quilos de peso vivo). A experiência do centro da Nutripura mostra que a lotação, hoje de três UAs por hectare, equivalente ao rendimento de 55,9 arrobas por área, pode chegar a 3,2 UAs nos próximos três anos. Para Corsi, o centro que hoje faz três estudos anuais sobre nutrição, pode acelerar as pesquisas de campo. “No projeto da Fazendinha são possíveis estudos que não seriam viáveis em propriedades particulares”, afirma o pesquisador. “Principalmente porque são experimentos de longa duração.”

No caso da Ourofino, há 120 estudos em andamento, parte deles em processo de validação ainda neste ano. Além do gado de corte, as pesquisas se estendem ao gado leiteiro, aos ovinos, suínos e equinos. De acordo com a gerente de Pesquisa Clínica da Ourofino, Vanessa Rizzi, no gado de leite, por exemplo, a empresa estuda uma linha de antibióticos de resíduo zero. “Hoje, grande parte dos antibióticos aplicados em vacas em lactação exigem um tempo de carência de cinco dias para o retorno do animal à produção”, diz Rizzi. “Como as vacas precisam ser ordenhadas todos os dias, esse leite é descartado para uso humano e no aleitamento do bezerro”. Calcula-se que as perdas podem chegar a 250 litros de leite nesse período, por animal. A preços atuais são R$ 345 literalmente jogados fora. Com a tecnologia, e outras que certamente virão, essa perda que está indo para o lixo vai deixar de pesar no bolso do produtor.

A ROBÓTICA NAS RÉDEAS DA AGRICULTURA DE

Nos últimos cinco anos, dos US$ 800 milhões levantados para investimento em startups agrícolas em todo o mundo, US$ 559,1 milhões, 70% do total, foram para empresas desenvolvedoras de inteligência artificial e robótica. Os dados são da consultoria americana CB Insights. Em julho, a consultoria relacionou as agtechs que mais estão chamando a atenção do mercado. Nessa área estão cinco categorias de empresas: desenvolvedoras de robôs agrícolas, de análise de saúde de cultivos e de solo, de monitoramento no campo, de análise preditiva e de análise de imagem de satélite. Confira quais são as startups e as potências que estão por trás desse alto investimento global em agricultura de precisão.

ROBÔS AGRÍCOLAS

US$ 83,3 milhões

Startup: Clearpath Robotics

Investidores: Caterpillar Ventures, Eclipse Ventures, GE Ventures, iNovia Capital, Public Works e Government Services Canada, RRE Ventures e Silicon Valley Bank

Fundo:

US$ 40,79 milhões

ANÁLISE DE SAÚDE DE CULTIVOS E DE SOLO

US$ 201,9 milhões

Startup: Indigo Agriculture (EUA)

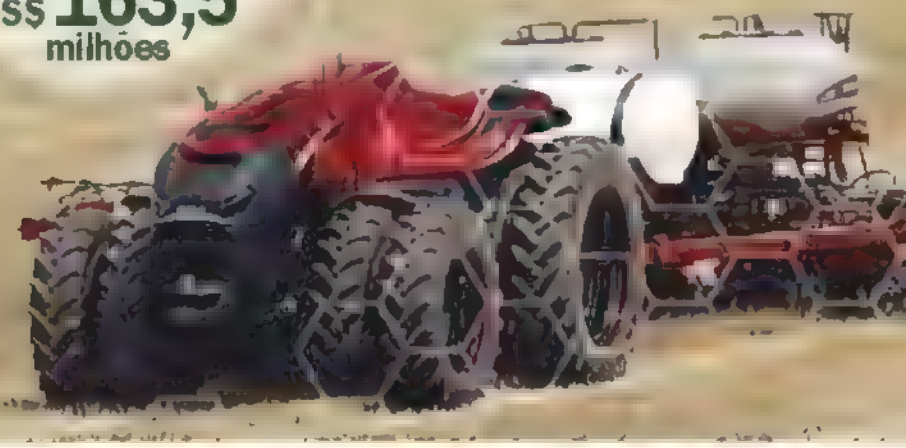
Investidores: Alaska Permanent Fund e Flagship Pioneering

Fundo:

US$ 163,5 milhões

Indústria superaquecida

O valor angariado por cada categoria de fundo de investimento e a maior startup agrícola



Fonte: CB Insights

AGRICULTURA

GESTÃO [illegible]

Dona de 19,7 mil hectares de soja e 14,5 mil bovinos de corte nos municípios de Paranatinga e Primavera do Leste (MT), a fazenda Agropecuária Chapada dos Guimarães aprovou o PIMS Multicultivo, da Totvs. Entre as utilidades, o programa gerencia o manejo fitossanitário da fazenda, do planejamento da melhor data de aplicação até o controle de estoque de defensivos. O programa roda em computadores e em aparelhos móveis, como tablets com sistema Android.

FOTO: ISTOCK

CLIMA

PREVISÕES NA [illegible]

A Climatempo lançou o aplicativo Agroclima Pro, primeiro serviço de previsão do País que integra dados das estações meteorológicas das fazendas, permitindo previsões personalizadas e com até 15 dias de antecedência. Além disso, a ferramenta oferece um mapeamento completo do balanço hídrico e alertas fitossanitários para a tomada de decisões mais assertivas nas aplicações de defensivos agrícolas. Parte do serviço é gratuito, mas há pacotes de dados mais completos de até R$ 300 por mês.

FOTO: JOSÉ ADAIR GOMERONDO-SE

FRANGO

GENÉTICA [illegible]

A americana Cobb-Vantress lançou recentemente o Global Planning. Trata-se de uma plataforma on-line capaz de assegurar o abastecimento de material genético de aves destinadas aos criatórios de corte. O sistema integra as seis unidades de negócios da empresa no mundo, além de seus 60 distribuidores. Com isso a empresa passa a gerenciar com precisão a demanda por genética de aves no mercado.

PRECISÃO

MONITORAMENTO NO CAMPO
US$ **165,1** milhões
Startup: DJI Innovations (China)
Investidores: Accel Partners e Sequoia Capital China
Fundo:
US$ **105,0** milhões

ANÁLISE DE IMAGEM DE SATÉLITE
US$ **94,0** milhões
Startup: Orbital Insight (EUA)
Investidores: Balyasny Asset Management, Bloomberg Beta, citizen.vc, CME Ventures, Envision Ventures, Geodesic Capital, Google Ventures, In-Q-Tel, Intellectus Partners, Itochu Corporation, Lux Capital e Sequoia Capital
Fundo:
US$ **78,7** milhões

ANÁLISE PREDITIVA
US$ **14,79** milhões
Startup: aWhere (EUA)
Investidores: AgFunder, Araveipa Ventures e Elixir Capital
Fundo:
US$ **12,45** milhões

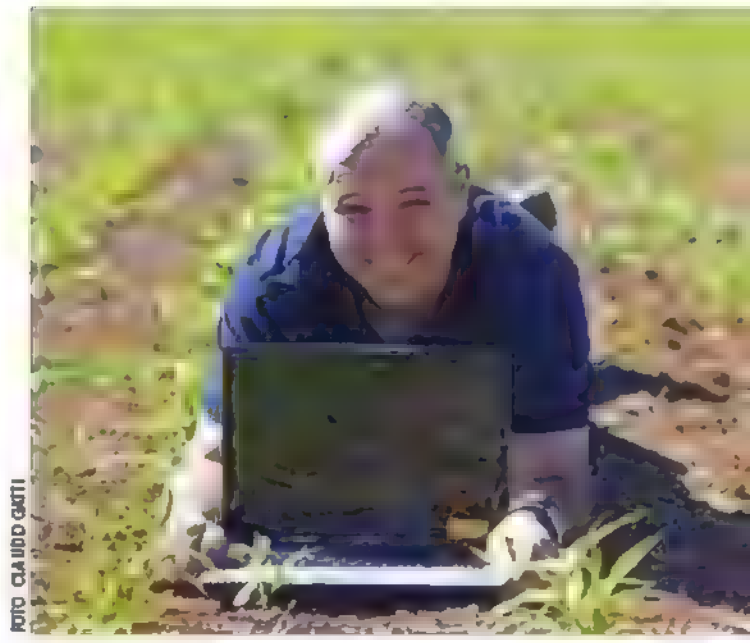


FOTO: CLAUDIO CASTI

MAPEAMENTO

ACESSO FÁCIL AO CRÉDITO RURAL

A agtech paulista Agronow lançou recentemente o Agronow Business Viewer. A partir de mapeamento via satélite, a ferramenta levanta dados de propriedades rurais indicando as áreas mais produtivas e com maior potencial de negócios, além de prever safras. Com isso a tecnologia pode ser uma grande aliada do produtor na tomada de crédito rural, pois dá mostra o que será produzido na fazenda. "A solução fornece informações que aperfeiçoam muito os trabalhos de campo e as visitas de prospecção necessárias no mercado de seguro rural", diz o biólogo Antônio Morelli, CEO da Agronow.

SOJA

COMPUTAÇÃO DA PRODUTIVIDADE

A americana Benson Hill Biosystems e a argentina GDM Seeds fecharam, em julho, um acordo estratégico para a aceleração de cultivos de soja. Com o uso de análise maciça de dados e computação cognitiva, as empresas darão origem ao CropOS. A proposta é que a ferramenta possibilite maior agilidade no processo de obtenção de novas cultivares de soja.

FOTO: DIVULGAÇÃO

IRRIGAÇÃO

UNIDAS PELA ECONOMIA DE ÁGUA

A alemã Bayer e a israelense Netafim anunciaram, em julho, que estão unindo forças para uma tecnologia que vai aliar a proteção de cultivos e o uso eficiente de água na agricultura. Através do projeto DripByDrip está sendo desenvolvido um sistema de gotejamento que vai distribuir água, nutrientes e defensivos direto na raiz da planta. O sistema já foi testado em cultivos de pimenta, tomate, melão e uva no México. O plano das companhias é lançar o sistema lá até o final deste ano.

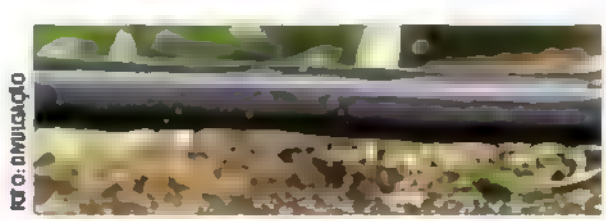


FOTO: DIVULGAÇÃO

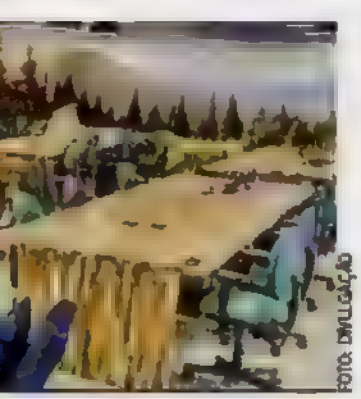


FOTO: DIVULGAÇÃO

INAUGURAÇÃO

ESPAÇO COLABORATIVO PARA STARTUPS

Em julho, a brasileira Inove Cloud abriu o seu centro de inovação no CO.W Coworking Space, na capital paulista. A ideia é garantir um espaço de trabalho colaborativo para que startups possam se desenvolver, tendo acesso às tecnologias de ponta, como o IBM Watson, a internet das coisas (IoT, na sigla em inglês) e o Blockchain, sistema de registros que garante a segurança de dados. As agtechs têm espaço garantido.

RECEITA AMERICANA

VERA ONDEI, do Estado do Michigan, nos Estados Unidos

GADO BOM: o produtor Wijnand Pon, aos 73 anos e dono da Alta Genetics, olha para o futuro e diz que as fazendas serão cada vez mais sustentáveis

COMO OS ESTADOS UNIDOS, O PAÍS QUE MAIS PRODUZ LEITE POR VACA NO MUNDO, E QUE FATURA SOMENTE COM AS EXPORTAÇÕES US$ 15 BILHÕES POR ANO, QUER AUMENTAR A SUA PRESENÇA GLOBAL

VISITAMOS OS MAIS EFICIENTES PRODUTORES AMERICANOS DE LEITE, QUE PODEM SERVIR DE INSPIRAÇÃO PARA OS BRASILEIROS

JOHN WELLER: com 3,4 mil vacas em lactação, a média de produção da fazenda chegou a 40 litros diários por animal, baseada na genética

FOTOS: VERA ONDEI

Ver o que ocorre na pecuária leiteira americana serve a dois propósitos: saber como os pecuaristas produzem a partir de animais de alto desempenho e como eles lidam com um mercado mundial em competitividade acelerada. Hoje, cada vaca leiteira nos Estados Unidos produz a média de 10,1 mil litros de leite por ano, quantidade 23% acima do ano 2000. Para comparação, a média brasileira de é 1,5 mil litros por vaca. A produção do país, que naquela época era de 76 milhões de toneladas de leite, hoje é de 93,5 milhões de toneladas. Os produtores deram esse grande salto na produtivade aumentando o rebanho de 9,2 milhões de vacas ordenhadas, para apenas 9,3 milhões. Mais uma comparação: o Brasil produz 35 milhões de toneladas de leite, com 23 milhões de vacas. Somente as exportações de lácteos, como leite em pó e queijos, injetam na economia americana US$ 15 bilhões por ano. A par dessa realidade, Wijnand Pon, 73 anos, um senhor de comportamento curioso mas discreto, chapéu panamá nas mãos, caminhava com passos firmes em uma manhã do início do verão americano, que vai de junho a setembro. No final de junho, por volta de 10 horas, os termômetros já marcavam 16 graus, temperatura alta para quem costuma conviver com marcas negativas no inverno. Nessa ocasião, Pon estava animado em conhecer os detalhes de como funciona a leiteria Steenblik Dairy, uma fazenda localizada em Pewamo, aldeia do Estado do Michigan, na qual vivem cerca de 500 moradores. Mas, ao contrário do lugarejo, a fazenda é grande. A Steenblik Dairy é uma das maiores da região, com 3,4 mil vacas leiteiras que produzem diariamente 141,7 mil litros de leite, o que dá uma produção anual de 51,8 milhões de litros. A família Steenblik começou a criar a raça holandesa em 1994, ordenhando 60 vacas. Pon estava interessado em conhecer o plano genético da

MAIS LEITE

O setor no mundo e nos Estados Unidos

O que é a produção global e quanto os americanos processam

831 milhões de toneladas é a previsão para 2017, volume 1,4% acima de 2016

93,5 milhões de toneladas é a produção americana

9,3 milhões de vacas em lactação

10,1 mil litros de leite é a produção média por vaca

US$ 15 bilhões é quanto rende as exportações de lácteos

14 milhões de toneladas foi o volume exportado

42 mil é número de produtores de leite

120 mil empregos gerados no setor

O que é o setor leiteiro no Estado do Michigan

1,8 mil fazendas

97% são propriedades familiares

217 animais é a média por propriedade

425 mil é o número de vacas leiteiras

25,9 milhões de litros é a produção anual

Fonte: Dela • [illegible]

fazenda, saber quais touros são utilizados, como é feita a gestão do negócio e qual o futuro da atividade na propriedade. "Nos próximos 20 anos, grandes mudanças vão ocorrer, principalmente na área de genômica animal", afirmou ele. "Precisamos ir ligeiros nas pesquisas e nos processos implantados nas fazendas, para produzir mais leite por vaca e de modo sustentável. E ter como meta que esse desenvolvimento jamais pode parar, cada vaca é uma fábrica de leite."

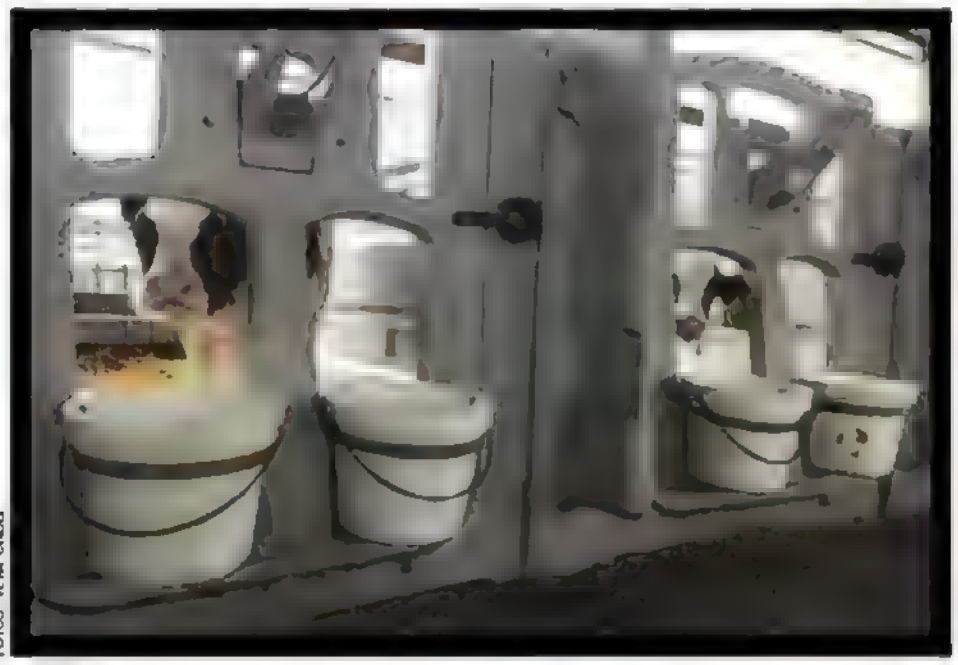
ORDENHA: a maioria das grandes fazendas investe em equipamentos sofisticados que são operados por mão de obra estrangeira, a maior parte proveniente do México

Na manhã da primavera americana, a DINHEIRO RURAL acompanhou Pon e um grupo de 360 produtores e técnicos de 26 países – asiáticos, europeus, americanos e africanos –, convidados por ele, dispostos a rodar pelo Michigan visitando algumas de suas melhores fazendas. Em quatro dias, foram vistas nove propriedades e 19 mil vacas em produção. Pon, que nasceu na Holanda, tem propriedade em Feerwerd, uma aldeia na qual moram cerca de 300 pessoas, localizada a cerca de 200 quilômetros de Amsterdã. Ele é, de fato, um homem do campo. Além da fazenda próxima de onde reside, Pon possui criação de gado leiteiro na Alemanha, na Escócia e na Polônia. No total são 3,2 mil vacas em lactação. Mas Pon não é um produtor qualquer. Ele é um dos cinco homens mais ricos de seu país, com uma fortuna avaliada em US$ 2,2 bilhões. De acordo com a revista americana Forbes, fortuna amealhada como o maior importador de carros das marcas Porsche e Volkswagen na Holanda, além de dono da Accell Group, uma das gigantes do mercado de bicicletas em toda a Europa. Mas ele aprecia, mesmo, ser visto como o controlador da Koepon Holding, onde está o coração de seus negócios no campo. Isso porque a sua atuação no agronegócio não se resume a ordenhar vacas em Feerwerd. A Koepon Holding é dona de um grupo de seis empresas que vão de agricultura de precisão ao desenvolvimento genético de bovinos. Entre elas está a Alta Genetics, de origem canadense, que se tornou a maior empresa privada de inseminação artificial do mundo, com a maior parte dos negócios nos Estados Unidos. Em 2000, época em que detinha 12% das ações da empresa (até então abertas na bolsa de Toronto), Pon investiu US$ 260 milhões para comprar o controle total da companhia que atua em 90 países. E aí começa a sua ligação com o Brasil, que ele conhece desde a década de 1980. A sede da Alta Genetics está em Uberaba (MG). Juntamente com os Estados Unidos, o centro brasileiro é um dos maiores em produção de sêmen do grupo, que possui 14 unidades em seis países. "O Brasil é um país que vai crescer mais rapidamente que o mundo", afirma ele. "E tem mostrado organização para essa tarefa." Além do Brasil e Estados Unidos, os centros de genética estão localizados no Canadá, na Argentina, na Holanda e na China.

Albert Els Steenblik, produtor em Pewamo

"É preciso rentabilizar a produção e isso se faz investindo no conjunto. Saber para onde vai a criação é essencial"

Pon entende de vacas e de negócios. Em suas mãos, a Alta Genetics que vendia pouco mais de quatro milhões de doses de sêmen no ano 2000, comercializou no ano passado cerca de 15,3 milhões de doses coletadas de 1,1 mil touros. A receita foi de € 150 milhões. No mundo, a Alta disputa espaço com outras gigantes do setor de genética animal, como a ABS Global, a Semex, a CRI, a Select Sires, todas com atuação no Brasil. Para ele, e também para o grupo de produtores, além de saber sobre o país, esmiuçar a pecuária leiteira americana é entender como os pecuaristas vêm tratando o seus rebanhos e como



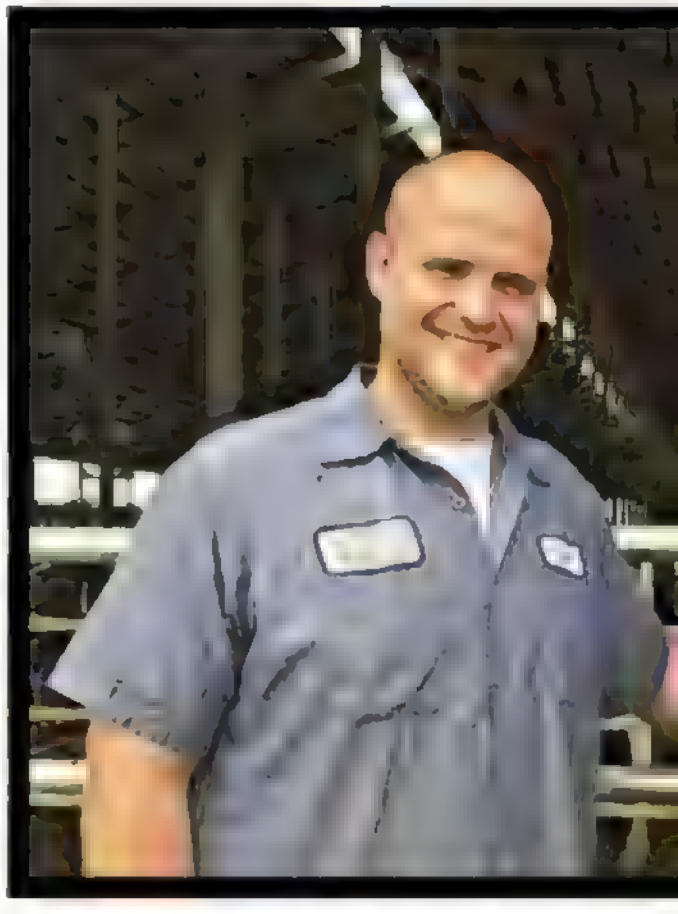
FOTOS: VITOR CHOCHI

LIDA NA FAZENDA: da criação das bezerras em baias individuais, à ordenha em sistemas como o carrossel (à dir.), os produtores americanos de gado leiteiro têm trabalhado melhorar a gestão familiar das propriedades

as fazendas se organizam, sejam elas gigantes ou médias propriedades. São 42 mil pecuaristas na atividade leiteira, em 23 Estados. Entre os maiores produtores estão os Estados da Califórnia em primeiro lugar, mais Michigan, Idaho, Nova York, Texas e Novo México.

O produtor Albert Els Steenblik, que possui 2,4 mil vacas em lactação, de um rebanho de 3,5 mil animais, investiu na última década cerca de US$ 20 milhões no negócio. O dinheiro foi gasto em estábulos, em uma sala de ordenha do tipo carrossel para 86 animais, além da compra de genética. A receita anual é de US$ 24 milhões. Steenblik trabalha para elevar a produtividade em 10%, com vacas produzindo 45 litros de leite por dia. "É preciso rentabilizar a produção e isso se faz investindo no conjunto", afirma o produtor. "Saber para onde vai a criação é essencial." Na Double Eagle Dairy, localizada em Middleton, a cerca de 30 quilômetros de Pewamo, o produtor John Weller afirma que o grande desafio da atividade leiteira é rentabilizar a propriedade e planejar. A família Weller, com 3,4 mil vacas em lactação, produz leite desde a década de 1950. A atual média por vaca é de 40 litros por dia, volume equivalente a 50,3 milhões de litros por ano. Ele afirma que nos últimos cinco anos, a margem de lucro por litro produzido variou de US$ 0,02 a US$ 0,24, o que significou cerca de US$ 12 milhões no bolso. "Produzir leite é um bom negócio, mas é importante que nos momentos de alta o produtor não se esqueça de que a atividade se move em ciclos", diz Weller. "Hoje, embora outros Estados estejam trabalhando em alta, no Michigan nós esperamos para os próximos dois anos um aperto nos negócios".

INDÚSTRIA Gigantes no processamento de lácteos têm os olhos voltados para esse mercado, mas nem todas estão presentes nos maiores Estados produtores. A suíça Nestlé, por exemplo, que faturou no mundo US$ 24 bilhões, dos quais angariou US$ 11,6 bilhões nos Estados Unidos, não tem unidades de captação de leite no Michigan. Para os produtores é esse o desafio: faltam laticínios. **O domínio local é de três empresas que estão no grupo das 100 maiores desse setor americano: a holandesa Meijer, que faturou US$ 474 milhões em 2016; a Michigan Milk Producers Association, com US$ 427,9 milhões; e a Continental Dairy Facilities Coopersville, com US$ 259,3 milhões.** As estratégias para driblar esse mercado restrito na entrega de leite passam por alternativas como do produtor John Vander Dussen, da Prairie View Dairy, localizada em Delton. A família de Dussen produz leite na Califórnia desde os anos 1940. Seu projeto no Michigan começou em 2007 e deslanchou. Das 600 vacas iniciais, hoje são 2,4 mil holandesas, com produção anual de 30,6 milhões de litros. Todo o leite é processado e vendido como produto fluído, manteiga, iogurte e até sorvete. Vai para o consumo com marca própria, Prairie Farms, com uma advertência que tem dado



resultado. Na caixa de leite está escrito: marca de produtor. Além da própria produção, a marca processa leite de outros produtores, em geral pequenos criadores. No Michigan há 1,8 mil fazendas leiteiras, a maior parte de pequeno porte com média de 217 vacas em lactação.

O produtor Kevin Lettinga, da fazenda Walnutdale Farms, que fica no distrito de Wayland, também achou um caminho: a criação de uma cooperativa para o comércio de leite. Lettinga e sua filha Aubrey, administram um rebanho de 1,6 mil holandesas e 500 jerseys em lactação, respectivamente com produção de 24,4 milhões de litros anuais e 5,9 milhões de litros. O faturamento com o leite é de US$ 10 milhões por ano, mas já foi abaixo dessa marca.

NA PRATELEIRA: as propriedades leiteiras têm procurado a diferenciação. Entre elas, a Prarie View Dairy avisa no rótulo que o seu leite é uma marca de um criador

A cooperativa Great Lakes, criada pelo pecuarista, nasceu há cinco anos para rentabilizar o negócio. Hoje, cinco fazendas da região conseguem US$ 0,05 a mais por litro vendido. "Faz a diferença ter um ponto de venda conjunta", afirma Lettinga. "A cooperativa ajuda a organizar a produção." A filha Aubrey, 31 anos, e que está sendo treinada para assumir o negócio criado pelo seu avô Half Lettinga nos anos 1970, afirma que além da parte comercial, organizar a produção significa por foco na capacidade produtiva das vacas. "Saber que tipo de vaca está na ordenha, no dia a dia, é fundamental", afirma Aubrey. "Nos últimos três anos, nós melhoramos a sanidade do rebanho e continuamos a aumentar a produção." Molly Sloan, formada em ciência leiteira pela Universidade do Wisconsin, em Madison, e gerente global dos programas de treinamento da Alta Genetics, diz que planejar a genética do rebanho é o que dá um norte para a criação. **"O produtor precisa saber qual peso ele vai dar para a produção de leite, para a sanidade do rebanho e para a conformação animal, em uma escala de um a 100", afirma Sloan.** "É com o desenho do tipo de animal mais adequado à sua realidade que o produtor pode ir em busca da melhor genética, não importa o tamanho do rebanho."

EM FAMÍLIA: Todd Tubergen (à esq.) e seu pai Dennis trabalham de olho no potencial genético dos animais. No caso da Tubergen Dairy, o que importa é buscar pela alta produção

GENÉTICA A Tubergen Dairy, localizada no distrito de Ionia, mantém 850 holandesas em lactação, com produção média de 43 litros diários. Administrada pelo pai Dennis Tubergen e pelos filhos Todd e Kurt, que ajudam no manejo, e Amber na administração, a fazenda tem ganhado produtividade. Na agenda do planejamento genético, a escolha dos touros para cobrir as vacas recai em 70% para a produção de leite, 15% para a sanidade e apenas 10% para a conformação animal. Amber tem as contas na ponta do lápis: até seis meses, uma bezerra custa US$ 800 e até o nascimento do primeiro parto, US$ 2,2 mil. Desde 2005, todo o gado é inseminado. "Queremos aumentar a produção, medindo o desempenho", diz Todd. "A genética custa se ela for mal usada", afirma Dennis Tubergen.

Nos Estados Unidos, ao contrário do Brasil, em que o produtor compra da central de inseminação a dose de sêmen, o pecuarista leva a

NO ESTÁBULO: na Walnutdale Farms são criadas duas raças. De jersey *(foto ao lado)* são 500 vacas e de holandesas são 1,6 mil vacas em produção

prenhez, ou seja, a empresa entrega a vaca com um bezerro a caminho. Hoje, uma prenhez varia entre US$ 60 e US$ 80. "Mas pode até ser mais, depende do que buscamos", afirma o produtor John Schaendorf, 56 anos, dono da Granja Schaendorf, localizada em Allegan, onde cria 2,5 mil vacas leiteiras. Há cinco anos, o planejamento genético está montado para utilizar touros com aptidão em 70% para a produção e 30% para sanidade. "Uma vaca precisa ser boa no estábulo", diz o produtor. Sua média diária atual é de 39 litros por animal. "A tecnologia, aliada à mão de obra eficiente, faz da atividade leiteira uma boa experiência", afirma ele. **Desde o ano de 2009, quando surgiram as provas genômicas para avaliar e buscar pelos melhores touros para cobrir a vacada, a cena leiteira americana tem mudado.** De acordo com Sloan, a partir desse momento, o trabalho ficou mais cirúrgico. "Os touros avaliados dão confiabilidade de 75% de acerto na escolha da genética, como produzir mais leite, ou um gado mais resistente às doenças, por exemplo", diz ela. "É como sair da direção de um carro familiar e passar a dirigir uma Ferrari ou um Mercedes."

John Schaendorf, de Allegan

"A tecnologia, aliada à mão de obra eficiente, faz da atividade leiteira uma boa experiência"

MEXICANOS Os produtores americanos investem em produtividade e qualidade do leite porque planejam no longo prazo. E não são apenas os grandes produtores. A Granja Simon, de Westpahlia, administrada por Larry Simon e seu filho Brent, possui apenas 800 vacas, com média de 41 litros por dia. Na última década eles investiram cerca de US$ 4 milhões para melhorar a qualidade do leite. Não por acaso, no ano passado a granja foi classificada entre as seis melhores nesse quesito pela Associação Nacional de Controle de Mastite, com sede no Texas. "A receita é cuidar do gado e da mão de obra", diz Simon. "É isso que mantém o rumo da produção."

Desde 2003, a produção doméstica americana tem aumentado acima do consumo, de olho em novas fronteiras. Hoje, o país exporta 15% do leite que processa, cerca de 14 milhões de toneladas em produtos. Mas, segundo o US Dairy Export Council (Conselho de Exportação de Lacticínios, na tradução do inglês), o país pode chegar a 20% do que produz. Isso porque, para os americanos, a conta é simples no mercado consumidor mundial: nos próximos 15 anos, somente a classe média asiática vai passar de 2,7 bilhões de pessoas para 3,2 bilhões. A diferença de 525 milhões de con-

GERAÇÕES: Aubrey Lettinga, 31 anos, vem sendo preparada para herdar a administração da fazenda fundada nos anos 1970, pelo avô Half Lettinga

VISÃO: para comercializar melhor o leite, Kevin Lettinga criou uma cooperativa há cinco anos. Hoje, há cinco propriedades no esquema

FOTOS: VERA ONODERA

sumidores é quase duas vezes a população americana. Mas, para a empreitada, eles necessitam da mão de obra e nas fazendas americanas ela é sinônimo de mexicanos.

Na Granja Schaendorf, que possui 35 empregados, 70% são do México e 30% são da Guatemala. Ganham, em média, US$ 10,50 por hora, em jornadas de até dez horas diárias. O mexicano Frank Lopez, trabalha há 17 anos na fazenda. Hoje, ele gerencia o estábulo das vacas. "Há trabalho nas fazendas e elas dependem do país vizinho." Mas Kevin Lettinga diz que na maior parte das fazendas o que falta é mão de obra qualificada. "Treinar funcionários é um gargalo na gestão da fazenda, por causa da rotatividade", diz ele. Na Granja Simon, Brent diz que a receita é se cercar dos melhores. "Meu pai sempre teve essa medida para gerir a propriedade", diz ele. Evan Platte, gestor de trabalho na Steenblik Dairy, afirma que o maior desafio é dar oportunidade de crescimento profissional para essa mão de obra. "Nós fazemos reuniões semanais com os ordenhadores, para planificar o trabalho, aparar arestas", afirma Platte. "Por isso, preferimos pagar melhor a ter uma política de bônus por produção." De acordo com o gestor, que está há dois anos no atual cargo, um gerente geral pode ganhar até US$ 60 por hora. Tomando por base essa possibilidade, fazer carreira no agronegócio americano não é um mau negócio. Isso, se o governo do presidente eleito Donald Trump não cortar de vez as relações com o país vizinho. Trump já propôs leis para barrar a imigração e construir um muro de cerca de mil quilômetros na fronteira com o México, que pode custar US$ 8 milhões. Nos Estados Unidos vivem cerca de 11 milhões de pessoas ilegais de várias partes do mundo, mas a maioria é mexicana. "Sem eles, a pecuária não funciona", diz Platte. "Essa é a nossa realidade." Pon, da Alta Genetics, se esquiva desse tema delicado. "No mundo, os presidentes vêm e vão. Não sou um homem político, o que me interessa são os negócios", afirma ele. "O leite nos Estados Unidos, e em outros países do mundo, inclusive no Brasil, tem um futuro garantido porque a demanda vai crescer, as fazendas vão se desenvolver e é esse o foco." Ao falar do Brasil, o executivo pensa um pouco antes de retomar o discurso. "Da primeira vez que estive no Brasil para hoje, a realidade também é outra", afirma. "É um País que acredito, principalmente no poder de organização das pessoas e dos times de trabalho. Será grande também no gado de leite." Aliás, o executivo que raramente concede uma entrevista, na Holanda é tido como um personagem raro na mídia local. Por isso, nas poucas vezes em que fala, é bom não desviar de seu assunto preferido: leite, pasto, touros e genética, como ele gosta.

AS PEQUENAS

Como as fazendas de café estão se apoiando nos programas de certificação para criar um ambiente de negócios mais sustentável

BÉTH MELO

A agricultora Maria Selma Magalhães Paiva e seu marido Afrânio José Ferreira Paiva, donos da fazenda Recanto, no município de Machado, no sul de Minas Gerais, são produtores de café há dez anos. O aniversário de uma década é emblemático. Os cafés com certificados têm se tornado um nicho de mercado cada vez mais promissor no País. Isso porque o consumidor vem reconhecendo o esforço por trás das certificações, pagando mais pelo produto. Um quilo de café especial pode custar até R$ 100, enquanto o máximo para o grão commodity são cerca de R$ 25. Sem contar que a quantidade de cafeterias tem crescido continuamente. Hoje, o País possui cerca de 3,5 mil casas. O mercado externo também tem sido generoso. No primeiro semestre deste ano já foram 2,2 milhões sacas, sendo os principais destinos os Estados Unidos, a Alemanha, a Bélgica, a Itália e o Japão.

Na Recanto, de 440 hectares, dos quais o café está em 170 hectares, a certificação é feita pela americana Rainforest Alliance, organização com sede em Nova York e que atua em cerca de 70 países. A fazenda colheu em 2016 seis mil sacas do grão, mantendo o ritmo de crescimento. Na safra anterior foram 5,7 mil sacas e nesta safra a previsão são 6,1 mil sacas. "Nós estamos conseguindo manter uma produtividade média de 38 sacas por hectare há oito anos", afirma Maria Selma. O desempenho é espetacular. A média brasileira é de 25 sacas por hectare. **"Nosso café tem boa liquidez, qualidade e um histórico de mercado." Por causa dos cuidados com o cultivo, o casal obteve um ganho extra de R$ 20 por saca.** Assim, a receita do ano passado foi de R$ 3,2 milhões, ante 2,9 milhões em 2015. Maria Selma diz que os desafios de produzir café são grandes. Para ela, o maior deles e o custo de produção em função da topografia acidentada da propriedade. Apenas 60% da propriedade é mecanizada, o que

NOTÁVEIS

levou o custo da safra passada para R$ 390 por saca produzida, valor equivalente a 40% de uma saca do grão. Na década, a família já investiu cerca de R$ 500 mil para tornar a fazenda sustentável. Usaram o dinheiro para construir corredores ecológicos, por exemplo, e também em uma torrefação. "Ter uma fazenda com práticas sustentáveis abre as portas para um mercado maior e mais valorizado", afirma Afrânio. Cerca de 80% da produção, 4,9 mil sacas por safra, são é vendidas com a marca Recanto para a italiana Illy Caffè, a suíça Nespresso e outros grupos internacionais. O restante atende cafeterias, como a Casa do Brasil, em Austin, no Texas; o Café Cultura, em Florianópolis e pequenas cafeterias de Belo Horizonte e São Paulo. A filha do casal, Paula Magalhães Paiva, especializada em comércio exterior, cuida da parte de torrefação. Segundo ela, o processo ajuda na divulgação da marca. "Além de valorizar o nosso produto, a torrefação própria permite conhecer cada vez mais e melhor o café que produzimos, mesmo que em pequena escala", afirma.

O crescimento desse nicho de mercado tem atraído jovens produtores para o campo. Para muitos, o cultivo do café é quase um retorno às origens. Os irmãos José Paulo de Aguiar e Lucas de Aguiar, há dois anos receberam como herança a fazenda Glória, em São Sebastião da Gama (SP), uma propriedade de 90 hectares que está há três gerações na família e onde são cultivados 40 hectares do grão. A região, que tem tradição na produção de café de qualidade, ganhou dois entusiastas. João Paulo, que se tornou advogado e

FOTO: DIVULGAÇÃO

FOTO: DIVULGAÇÃO

“Trabalhamos juntos para aumentar o índice de certificação de propriedades”

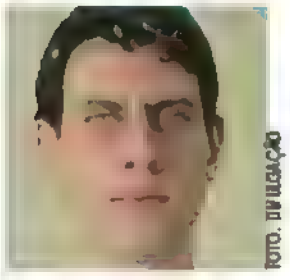
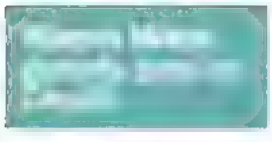


FOTO: DIVULGAÇÃO

“Em 2018, publicaremos o primeiro relatório de sustentabilidade da cafeicultura brasileira”



administrador de empresa, desde 2010 havia se desligado da propriedade para ser dono da Sweet Fine Coffee, também em São Sebastião da Grama, empresa de café torrado de linha gourmet. Agora, de volta à fazenda, ele quer dar um passo além. “Estamos reestruturando a fazenda para trabalhar com cafés especiais, torná-la sustentável e receber a certificação da Reinforest”, diz João Paulo. **Para cumprir as exigências da certificadora, eles devem investir cerca de R$ 500 mil, entre elas está adequação ambiental. O próximo passo é exportar café verde.** “Estamos negociando com países da Europa e da Ásia, além de Canadá e dos Estados Unidos”, afirma João Paulo. Lucas, que é engenheiro agrônomo e responsável pela lavoura, diz que a partir deste ano a ideia é plantar 50 mil de pés de cafés, por ano, até chegar a 300 mil pés. Por safra são produzidas atualmente 1,5 mil sacas, das quais 90% são vendidas para as exportadoras e 10% enviadas para a torrefação própria. No ano passado, a venda de 1,3 mil sacas rendeu R$ 624 mil.

O professor da Universidade Federal de Lavras (MG), Paulo Henrique Leme, diz que a sustentabilidade e certificação caminham juntas. “É um caminho sem volta, mas ainda há muito o que fazer”, afirma. “A rastreabilidade e a transparência irão aumentar.” Para se adequarem aos processos da certificação, o professor afirma que as fazendas precisam padronizar as atividades e investir na capacitação da equipe. “As práticas sustentáveis devem ser adotadas por todos na propriedade, dos funcionários ao patrão,

diz. Segundo Eduardo Sampaio, representante da UTZ no Brasil, a empresa tem 132 mil hectares certificados no País, com produção de quatro milhões de sacas, sendo 2,2 milhões para a demanda interna e 1,8 milhão para exportação. Além dos ganhos ambientais e sociais, ele afirma que o sistema é organizado em blocos e auxiliam na gestão da propriedade. “Considerando a análises de risco, o organograma de funções, o treinamentos e a rastreabilidade, há vários benefícios, principalmente ligados à redução do custo de produção e a racionalização do sistema produtivo”, diz Sampaio. “Além disso, o preço do café certificado chega a ser 4% superior ao preço do grão comum.” Ele aponta a necessidade de indicadores de desempenho por categorias de produtores mais desenvolvidos para melhor comparar impactos positivos.

Outra grande que atua no mercado, a certificadora brasileira Imaflora, com sede em Piracicaba (SP), trabalha há 15 anos com a sustentabilidade do café. Faz treinamento de produtores e técnicos, certificação de propriedades e promove o concurso de Café Sustentável. "Trabalhamos junto com a Nespresso, da Nestlé, que tem ajudado a aumentar o índice de certificação, feita em grupo, o que dilui os custos", diz Eduardo Trevisan Gonçalves, gerente de projetos da empresa. Ele aponta como benefícios a gestão da fazenda, a economia de insumos, o aumento dos dias trabalhados, por causa da redução do número de acidentes na aplicação de defensivos, além da melhora da qualidade exigida pelo comprador que também quer que o café seja sustentável e certificado. O diretor geral do

Cecafé, Marcos Matos, afirma que a atenção do órgão está voltada para a sustentabilidade desde 2013, com a criação do programa Café na Escola. "Montamos 137 laboratórios de inclusão digital nas escolas públicas das regiões cafeeiras do Brasil", diz Matos. Em 2015, firmou parceria com a Plataforma Global do Café e incluiu no curso o Currículo de Sustentabilidade do Café, baseado em documento elaborado pela Embrapa e 19 instituições, entre elas Sebrae e Imaflora. "Entraram em pauta temas como boas práticas, leis trabalhistas e ambientais, entre outros." Neste ano, o órgão criou o Polo Café Sustentável para integrar todos os projetos. Também será criado o indicador de desempenho do café sustentável. "Em 2018, publicaremos o primeiro relatório de sustentabilidade da cafeicultura brasileira."

DE OLHOS BEM ABERTOS

SEM PLANOS DE SE APOSENTAR, O INGLÊS IAN DAVID HILL, CEO DA AGROPECUÁRIA JACAREZINHO, QUER TORNAR A EMPRESA NO MAIOR PROJETO DE PRODUÇÃO DE TOUROS DO PAÍS

FÁBIO MOITINHO

No final de 2015, quando o empresário Marcos Molina, controlador do grupo frigorífico Marfrig Foods, se sentou na mesa de negociação para comprar de Alexandre Grendene a Agropecuária Jacarezinho, uma propriedade de 46,2 mil hectares no oeste da Bahia, foi junto no pacote um bem intangível: o executivo inglês Ian David Hill, na época com 62 anos. A proposta de Molina tinha um motivo muito simples: Hill não poderia ficar fora do negócio porque ele sempre foi o coração do projeto de pecuária de Grendene, desde o seu início em 1991. Em duas décadas, Hill transformou a Jacarezinho em referência no melhoramento genético da raça nelore. "Agora, estou na melhor fase de minha carreira", diz Hill. "Nos próximos anos vamos mudar muito a pecuária do grupo." Por isso, aos 64 anos, desacelerar o ritmo ou pensar em aposentadoria não faz parte da agenda de Hill, CEO das empresas rurais de Molina. Além da Bahia, as propriedades estão localizadas nos Estados de São Paulo e Mato Grosso, totalizando 125 mil hectares, um rebanho de 150 mil bovinos e 300 funcionários. Hill quer dobrar a atual produção anual de touros, com a meta de colocar no mercado quatro mil animais, coletar 600 mil doses de sêmen e gerar 20 mil embriões. "O clima econômico do País está desafiador, mas chegaremos muito próximo desse resultado", afirma. Hoje, a Agropecuária Jacarezinho vende 1,6 mil touros por ano, 350 mil doses de sêmen e cinco mil embriões. Em 2016, a receita foi de R$ 300 milhões.

A tarefa, que pode parecer ousada para qualquer administrador iniciante, para Hill já faz parte de uma rotina desde a juventude. A primeira vez que veio ao Brasil, em 1975, tinha 22 anos. Ficou no Paraná por cinco meses, em uma empresa de sementes da inglesa Royal Dutch Shell. Até um ano antes, Hill era estudante de administração e economia rural na Royal Berkshire College of Agriculture, na Inglaterra. Em 1977, seu passaporte de volta ao País foi através do grupo inglês Vestey, controlador do antigo frigorífico Anglo e depois dono da Agropecuária CFM. "Fui contratado por já ter trabalhado no Brasil", diz Hill.

Para Caio Arnaes, gerente de divisão sênior da americana Robert Half, uma das grandes empresas de recrutamento para cargos de alto escalão, uma boa universidade é uma porta de entrada no mercado de trabalho, mas não basta. "É preciso que o profissional entregue resultados", afirma o executivo. "Desse ponto de vista, permanecer por um longo tempo em uma empresa não é negativo." No caso da pecuária, o tempo é funda-

FOTO: NELSEN FERNANDES

PECUÁRIA EFICIENTE

O que está sob o comando de Ian Hill

A Jacarezinho:

4 *fazendas*

150 mil *bovinos*

300 *funcionários*

R$ 300 milhões *em receita*

Suas crenças:

Planejamento

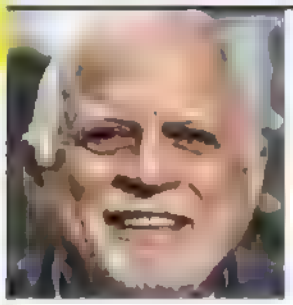
Perseguir resultados

Foco em liderança

mental. O setor tem ciclo longo entre o nascimento e o abate de um animal, e mais longo ainda se a meta for o melhoramento genético, com resultado medido em gerações. Traduzindo: não dá para entregar amanhã o que foi planejado ontem, mas também não é possível ficar parado. “O importante é o profissional não passar todo o tempo batendo no mesmo carimbo”, afirma Arnaes. “Os bons, que não encontram um ambiente de desafio, são propensos a mudar de empresa.”

No caso de Hill, a equação entre tempo e execução de projetos no campo o levou a permanecer 16 anos no grupo da família Vestey e mais 24 anos no grupo de Grendene. Com Molina, sua agenda imediata de trabalho está pautada para os próximos cinco anos. **Com a família Vestey, por exemplo, Hill estruturou o maior projeto de produção de animais vendidos com Certificado Especial de Identificação e Produção (Ceip).** Emitido pelo Ministério da Agricultura, o Ceip assegura a procedência, a produtividade e o potencial genético de um animal. A fazenda, que começou com 160 bovinos nas suas mãos, chegou a 11 mil animais, faturando R$ 11 milhões por ano com a venda de touros. No gado de leite, Hill implantou um sistema produtivo que culminou em uma produção de cerca de 20 mil litros por dia. “Fiz a propriedade sair do zero, praticamente”, diz ele. Foi exatamente essa entrega que levou Grendene a contratá-lo. Com Hill, a Jacarezinho se tornou a segunda maior vendedora de touros com CEIP do País, além de se embrenhar em pesquisas genômicas em gado de corte.

Mas a rotina de Hill também acontece fora das quatro paredes de seu escritório na capital paulista, de onde comanda os negócios, ou em viagens pelas fazendas. O executivo sempre encontrou na agenda tempo para outras atividades. Ele, por exemplo, é um dos diretores executivos e já foi presidente da Conexão Delta Gen, programa de melhoramento genético que reúne cerca de 50 rebanhos nelore em nove Estados, onde estão 300 mil animais na base de seleção. É diretor também da câmara de pecuária na Sociedade Rural Brasileira desde 2009, além de participar de vários conselhos, entre eles o da Nuffield Trust Brasil que fomenta pesquisa no exterior, para jovens profissionais do agronegócio. “Decidi ser brasileiro porque achei muito dinâmica a área de pecuária e de agricultura”, afirma Hill. “Vim, porque percebi que o País tinha um potencial muito grande.” A mais recente missão de Hill começou em abril deste ano, quando foi eleito conselheiro do Marfrig Foods, grupo que faturou R$ 10 bilhões em 2016.



"É imperativo o uso da criatividade para encontrar novas soluções e quebrar paradigmas já consolidados"

JEFFREY ABRAHAMS, sócio-gerente da consultoria Fesap Group

Navegando na crise

Nos últimos anos, tem se tornado vital permanecer atento à importância de como sobreviver em tempos hostis, recorrendo à reflexão de que "bom marujo se conhece na tempestade". As tempestades econômicas e políticas, que teimam em não cessar, atormentam o progresso de qualquer empresa no Brasil. Como a crise ainda ronda o dia a dia, as competências necessárias para vencer as barreiras são comuns a todos os setores, inclusive no agronegócio. O que muda, do meio urbano para o rural, é a distância física e também a disponibilidade dos executivos em migrar para o agronegócio, mesmo com a certeza de que nesse setor eles teriam a oportunidade de assumir posições chaves em tempos de crise. Muitos profissionais ainda têm resistência em fazer as malas e rumar para regiões nas quais o crescimento ainda está de porteira aberta, como o Centro-Oeste, núcleo da produção agrícola. As razões desse comportamento são diversas, seja a rejeição do cônjuge, a escola dos filhos, a segurança médica, entre outros motivos. Para quem aceita o desafio, liderar na crise pode se tornar uma arte. Para os que já atuam no setor, é lógico pensar que pela resiliência que vão adquirindo ao longo da carreira esses executivos apresentem em seu DNA competências essenciais para enfrentar crises mais severas. No segundo caso, infelizmente nem sempre é assim. Parte deles acaba desistindo, sendo contratados para atuar em outros ambientes de negócios, ou seja, talentos desperdiçados no setor.

Contrariamente do que ocorre nas grandes capitais, gerenciar o agronegócio requer pessoas alocadas em regiões, às vezes, com comunicação escassa do ponto de vista físico. Não há a rotina de dar um passo de uma baia à outra no escritório. Muitas vezes, o líder de uma equipe está a mais de mil quilômetros, ou em uma viagem de longo prazo. E mais: em momentos de austeridade financeira e operacional, nos quais os recursos diminuem drasticamente, a pressão por resultados aumenta na enésima potência. O senso de urgência é intenso e o embate do dia a dia é mais agudo. O ambiente de convivência converge para a sobrevivência e a exigência por liquidez. A consequência disso impacta a vida das pessoas em todos os sentidos. **O embate de ideias contrapostas para 'fazer acontecer' e solucionar problemas aumenta muito, semelhante a quando um time de futebol toma um gol no segundo tempo e precisa virar o placar para se classificar.**

É imperativo o uso da criatividade para encontrar novas soluções e quebrar paradigmas já consolidados na organização e nos hábitos e costumes das pessoas. Também é necessário que comportamentos, gastos e investimentos tenham que mudar, e todas essas circunstâncias tiram as pessoas da zona de conforto de forma abrupta. É fundamental que os times se adaptem à nova realidade, pois se não fizerem a empresa corre o risco de afundar. Nesse ambiente, muitos profissionais acabam 'espanando' por conta do perfil que possuem, não suportando o ambiente tenso e a carga de trabalho alta. Esses pedem para sair. Outros acabam explodindo ou se estressam em demasia, deixando o clima organizacional fica mais volátil.

FOTOS MARCELO MIN / FOTOGRAFIA | EVTIC

LÍDERES: nas crises, a comunicação da direção da empresa deverá ser constante, clara e assertiva

Como toda a atmosfera corporativa muda, as competências exigidas também mudam com o tempo. Para citar algumas: proatividade, senso de urgência, resiliência para lidar com a incerteza e condições adversas, mão na massa e a capacidade para mobilizar as equipes. Por isso, o engajamento é crítico para o sucesso. Nesse cenário, o líder é fundamental para orquestrar a travessia sem afundar ou virar o barco. É necessário que se escolha com cuidado e critério as pessoas que irão compor o time de transição. Muita calma, serenidade, maturidade e mobilização são elementos capazes de virar o placar nos acréscimos. A comunicação da direção da empresa deverá ser constante, clara e assertiva nesses movimentos. Afinal de contas, como está no dito popular, sempre depois da tempestade vem a bonança.

POR **FÁBIO MOITINHO**

URUGUAIA RESISTENTE

A prova Marcha da Integração, promovida em julho pela Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos, em Alegrete (RS), contou com uma campeã inusitada, a égua uruguaia Caprichosa Del Metejon. Dos 36 cavalos da raça crioulo inscritos, Caprichosa era o único animal de fora do País. Com 16 anos, a modalidade é uma das mais tradicionais da entidade e a mais dura de todas. Nela são percorridos 750 quilômetros em 15 dias, ou 50 quilômetros por dia. Além da resistência física, a prova também avalia a rusticidade e a capacidade de recuperação dos animais.

Estreia campeã

O cavaleiro Eduardo Menezes, integrante do time brasileiro de hipismo nas Olimpíadas de 2016, no Rio de Janeiro, venceu a primeira prova de salto na CHIO Aachen, na Alemanha, realizada no final de julho. Em sua estreia em Aachen, o cavaleiro montado em Carushka 2 superou fortes concorrentes como o medalhista olímpico alemão Marcus Ehning. Criada em 1898, a competição é uma das mais tradicionais no calendário do hipismo mundial.

Mercado bem aquecido

FOTO: DIVULGAÇÃO

Realizado em Avaré (SP) no final de julho, o 40º Campeonato Nacional surpreendeu a Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Quarto de Milha. O evento, um dos principais da entidade no ano, movimentou R$ 42 milhões em premiação e negócios, 20% a mais que no ano passado. Um pouco mais da metade disso, R$ 22 milhões, veio dos dez leilões na programação do evento, com a venda de cerca de 400 animais e 120 coberturas.

Regras para provas equestres

A Comissão de Educação, Cultura e Esporte do Senado aprovou em julho o projeto que prevê regras para os esportes equestres como a vaquejada, o laço e o rodeio. O texto foi aprovado em caráter terminativo pela comissão e segue para a análise da Câmara. Pela proposta serão redigidos regulamentos específicos para cada esporte, assegurando o bem-estar animal e prevendo punições em caso de descumprimento.

FOTO: ALAN DANIELLO

CÂNTER

FOTO: DIVULGAÇÃO

O cavalo castrado sempre foi o centro das atenções em provas e na lida da fazenda. Agora a Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos (ABCCC) quer estimular um mercado próprio para esse animal, segundo Eduardo Azevedo, vice-presidente da ABCCC. Em julho, a entidade promoveu a primeira Exposição de Cavalos Castrados em Estelo (RS).

Qual a importância desse animal?
Este cavalo é um animal de serviço. Os criadores mais antigos o castram para servir-lhes de sela. Além disso, são esses animais que são usados nas provas esportivas. Então, é um cavalo muito utilizado, só não tinha uma exposição.

O que foi apresentado no evento?
Foram apresentadas provas de morfologia e funcionais com os cavalos. Mostramos como o animal é manso e dócil, ou seja, ótimo para o esporte.

Qual a avaliação do evento?
A exposição foi bem avaliada, pois foi um momento onde se conseguiu reuniu desde crianças até adultos em torno do cavalo crioulo.

Qual o próximo passo?
A ideia é estimular o mercado para este animal, realizando leilões conforme cresça a demanda.

ASTRAL: DA GERAÇÃO 2015, TOURO À VENDA E DESTAQUE EM GANHO DE PESO

MEGATOUROS MATINHA

Oferta especial de touros e embriões

Estão marcadas duas etapas de negócios para a venda da genética nelore da Matinha. No dia 19/8, às 21h, serão ofertados embriões no processo ABS NEO, com uma inovadora tecnologia de produção de FIV e de congelamento. Serão 100 pacotes com 10 embriões cada, além de pacotes de sêmen. Dia 20/8, às 13h30, será a vez do leilão Megatouros Matinha, com oferta de 250 touros nelore PO, avaliados e de alta qualidade genética. Entre os destaques estão três touros jovens: o recordista e super produtor Alcapone, o Astral e o Avatar, destaque em ganho de peso. Todos recentemente contratados por central. Na fazenda Rancho da Matinha, ambos com o Canal Rural.

NELORE VALÔNIA

Na pista, alto padrão genético

FOTO: FÁBIO FAIOLA - FAITO RURAL

JOÃO AGUIAR ALVAREZ: *o criador aposta na genética comprovada do nelore*

Comandado pelo pecuarista João Aguiar Alvarez, o evento Nelore Valônia será realizado em duas etapas. Na primeira serão ofertados 19 lotes de fêmeas elite, de genética provada. Na segunda etapa do pregão entra uma bateria com machos e fêmeas, reafirmando o excelente currículo de pista e produção da fazenda Valônia. No hotel Blue Tree Park Resort, em Lins (SP), às 13h, com o Canal Rural.

NELORE DA CARPA

Força total nos leilões anuais

FOTO: DIVULGAÇÃO

Eduardo Biagi: *plantel de raça nelore que vem sendo melhorado há 46 anos*

A tradicional seleção do criador Eduardo Biagi terá, mais uma vez, oferta de animais com alto valor genético e apartados na cabeceira. O leilão Anual Carpa, que ocorre há 30 anos, terá a sua edição em 19 de agosto, em Serrana (SP). A venda será de bezerras, novilhas e prenhezes de doadoras de elite, destacadas em um sistema criterioso, que atende tanto as demandas do nelore de pista como os de produção. Entre as bezerras, filhas e netas de matrizes premiadas, estão integrantes do time de pista da Carpa, que hoje lidera o ranking paulista. O lote surpresa terá a melhor bezerra da geração 2017. Às 13h, com o Canal Rural.

DESTAQUE RURAL

O mercado pecuário nacional aguarda os meses de agosto e setembro, período marcado pela concentração de leilões que antecedem a estação de monta. A temporada será de grandes ofertas e com muita qualidade.

PRODUÇÃO MARIPÁ

Touros Nelore a campo

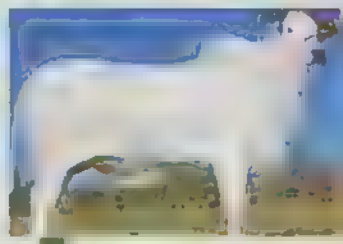
FOTO: RAPHAEL NASCIN

MARCELO BAPTISTA DE OLIVEIRA: *avendendo o resultado do trabalho em seleçao da raça nelore.*

Em sua segunda edição, o leilão Top Produção Maripá fará uma oferta de 60 touros nelore PO avaliados, participantes de provas de ganho de peso a pasto e em confinamento. Entre os destaques estão Cazão e Xuxo Fiv de Maripá (oferta de 50%), ambos já contratados por uma central de inseminação. Dia 24/8, às 14 horas, na Expo Genética, em Uberaba (MG), com o Canal Rural.

FAZENDA ELDORADO

Oferta especial da genética J.Galera



BONITA: *venda de 50% da doadora e o destaque da genetica J.Galera*

Uma edição especial marca o 6º leilão Fazenda Eldorado, com a venda de animais da oitava geração de doadoras da linhagem J.Galera. O destaque será a fêmea Bonita TE J.Galera, uma filha de Italia IV com o touro 1646. Está prevista ainda uma venda especial de prenhezes das principais doadoras da Eldorado. Dia 26/8, às 13h30, com o Canal Rural.

LEILÃO CASA BRANCA

Mais uma venda de reprodutores e matrizes

A seleção do criador Paulo de Castro Marques poderá ser acessada em dois grandes eventos. O dia 8/9 está reservado aos touros a campo, sendo 150 machos PO das raças angus, brahman e simental. Entre os destaques estão animais campeões e três touros de central. No dia 9/9 será a vez de 120 matrizes para melhoramento, com vacas, novilhas e bezerras também das três raças, animais premiados em exposições e campeonatos. Ambos às 14h, na fazenda Santa Ester, em Silvianópolis (MG), com o Canal Rural.

FOTO: DIVULGAÇÃO

PAULO DE CASTRO MARQUES: *criador investe nas raças angus, brahman e simental há quase duas décadas*

MEGA TOUROS CARPA

Seleção de primeira linha

Além do remate de agosto, o Mega Carpa 2017 levará à venda 180 touros e três mil bezerros de corte no mês de setembro. Os reprodutores escalados para a edição 2017 têm avaliação genética e índices com média TOP 10% no Programa de Melhoramento Genético de Zebuínos da Associação Brasileira de Criadores de Zebu (ABCZ). Os bezerros de corte que serão apresentados são filhos dos reprodutores vendidos na edição do ano passado. A oferta será no dia 3/9, no recinto da fazenda Cibrapa, em Barra do Garças (MT), às 10h, com o Canal Rural.

TOUROS PAULETE

Apresentando os melhores resultados do norte goiano

Com oferta de 140 touros, animais precoces e funcionais irão à pista, todos avaliados pela Associação Nacional de Criadores e Pesquisadores (ANCP) e índice com média TOP 0,5% a 10%. Os touros têm de 24 a 32 meses. Ainda estarão à venda 50 fêmeas prenhes, de 20 meses de idade. Destaque para cinco doadoras de excelência da fazenda, todas com índices de ponteira. Dia 9/9, às 14h, com o canal Terra Viva, em Porangatú (GO).

FOTO: RODOLFO

ALDOARDO ALVES PEREIRA: *criador aposta na evolução genética do rebanho*

LEILÃO RESERVA

Oferta de reprodutores avaliados

A fazenda Santa Nice e a AC Proteína se unem para ofertar touros de qualidade. Serão 70 lotes de nelore PO, avaliados pelo programa da Embrapa/Geneplus, com idades até 26 meses. É o melhor da safra no pregão que acontece durante a Expo Genética, em Uberaba (MG). Dia 23/8, às 21h, com o Canal Rural.

FOTO: ROBERTO JOÃO MELO

NELORE ÁGUA FRIA

Mais genética de animais a pasto

Com a maior oferta de touros do Estado do Pará, o leilão Touros Nelore Água Fria vendará 400 animais duplamente avaliados, além da oferta de sêmen dos grandes touros Comendador e Turbo, dois animais de central. Dia 27/8, em Xinguara (PA), às 14h, com o Agro Canal.

FOTO: DIVULGAÇÃO

COMENDADOR: *touro de central terá sêmen à venda*

LEILÃO RURAL

AGENDA LEILÕES

14/8 – Virtual Matrizes Avaliadas Vem Cruz
Transmissão: Canal Rural, 21h

15/8 – Virtual Touros Mafra
Transmissão – Canal Rural, 21h

17/8 – Cia Melhoramento Heringer
Local – hotel Grand Park, Campo Grande (MS)
Transmissão – Canal do Boi, 21h

21/8 – Boi com Bula
Local – Uberaba (MG), Expogenética
Transmissão – Terra Viva, 21h

21/8 – O Formidável Gir Leiteiro
Transmissão – Canal Rural, 21h

25/8 – 3º Nelo Nacional Matrizes Premium
Local – Uberaba (MG), Expogenética
Transmissão – Canal do Boi, 21h

26/8 – 11º Mega Touros Melhoradores Colonial
Local – Uberaba (MG), Expogenética
Transmissão – Canal do Boi, 14h

4/9 – Virtual Liquidação Elite Curió
Transmissão – Canal Rural, 21h

6/9 – Senepol Elite
Local – Uberlândia (MG)
Transmissão – Canal do Boi, 21h

7/9 – Virtual Matrizes VRC
Transmissão – Canal Rural, 14h

7/9 – Virtual Touros RSan
Transmissão – Canal Terra Viva, 14h

7/9 – Virtual Origem do Tabapuã
Transmissão – Canal Rural, 21h

10/9 – Virtual Touros Arrocenal
Transmissão – Canal Rural, 14h

11/9 – Virtual Angus S.A Touros
Transmissão – Canal Rural, 21h

12/9 – Virtual Angus S.A Fêmeas
Transmissão – Canal Rural, 21h

13/9 – Virtual Angus Sem Fronteiras
Transmissão – Canal Rural, 21h

O controle de caixa melhora a gestão financeira e pode ajudar na tomada de decisão. Conheça a história de produtores que começaram a utilizar a ferramenta e acertaram o passo da fazenda

CAUÊ VIZZACCARO

Mais fluxo no planejamento

A fazenda São João, no município de Inhaúma (MG), é o coração da empresa True Type, do produtor Rafael Tadeu Collin Dias. Atualmente, a propriedade de 1,1 mil hectares produz diariamente 45 mil litros de leite, com um rebanho de 1,8 mil vacas em lactação. A São João é uma das maiores produtoras de leite do País e a terceira maior em Minas Gerais. No ano passado, com 12,8 milhões de litros de leite produzidos, média de 35 mil litros por dia, a receita chegou a R$ 20 milhões.

A cerca de 500 quilômetros dali, fica o município de Coromandel, onde está a sede da Agropecuária Carola, de 760 hectares. Em 2016, a propriedade de Henrique Carola atingiu a média de 11 mil litros de leite por dia, com 602 vacas em lactação e uma receita anual próxima de R$ 6 milhões.

Independentemente do tamanho e da receita, as duas propriedades têm algo em comum, que faz a diferença no negócio: possuem um sistema de gestão financeira eficiente, pautado no fluxo de caixa. "Não vejo como uma fazenda possa rodar sem esse instrumento. Sem ele não sabemos quando e como utilizar nosso dinheiro. Com o fluxo de caixa paramos de trabalhar no escuro", diz Carola. **"Estudar o fluxo de caixa mostra se é possível investir, se é possível gastar. Ou não", afirma Collin Dias.**

O País possui 5,6 milhões de propriedades rurais, das quais 4,8 milhões têm área inferior a mil hectares, de acordo com o IBGE. As grandes propriedades, geralmente são empurradas para uma gestão refinada, sob pena de desa-

parecerem. Mas não é o tamanho da área que determina o sucesso de um negócio. As médias e as pequenas fazendas, que passam por uma revolução, têm desmistificado a crença de que são insustentáveis em uma economia de escala. Para Vitor Barros, consultor e coordenador do curso de pós-graduação em Gestão no Agronegócio da Rehagro, consultoria com foco no agronegócio, o que ocorre hoje é que as fazendas estão crescendo em produtividade e se tornando um negócio mais complexo. "É necessário trabalhar com o fluxo de caixa", diz Barros. A ferramenta que parece simples, afinal, a grosso modo é apenas controlar entradas e saídas, tem particularidades que precisam ser respeitadas. De acordo com o consultor, para que o sistema funcione corretamente, é preciso respeitar três fases em seu processo de implementação. Na primeira etapa é necessário desenvolver um relatório com o histórico financeiro de uma propriedade, com entradas e saídas. Isso serve para entender a movimentação de valores. Em um segundo momento, que é o mais importante, é feito um orçamento com os históricos da fazenda. "Depois, será criado outro relatório projetando as entradas e saídas do caixa, com bases nos históricos, tendências de mercado, entre outros", afirma Barros. "É com isso que conseguimos fazer uma estratégia de operação de compra e venda."

O terceiro passo é a checagem de metas, com o acompanhamento mensal e as análises comparativas, para entender os desvios, que são os pontos onde se gastou a mais ou a menos do que foi planejado. Essa é a hora do diagnóstico do negócio, da checagem para ver se nada está fora do planejado.

No dia a dia, um fluxo de caixa bem realizado dá a oportunidade de tomadas rápidas de decisão gerencial. Collin Dias, que trabalha diariamente com a ferramenta, diz que todo o planejamento da True Type em executar procedimentos de forma correta é feito com base nela. "A pecuária leiteira é uma atividade na qual as receitas e as despesas variam muito ao longo do ano", afirma ele. "Por isso, identificamos a produção e utilizamos dados, como os de custos e despesas, e adicionamos ao fluxo de caixa, que aponta o que necessita ser alterado nas metas. Se a projeção será

APRENDIZ: *desde 2015, Henrique Carola, de Coromandel (MG), gerencia sua fazenda com base no fluxo de caixa*

FOTO: DIVULGAÇÃO

CONTA ORGANIZADA

Os passos para implantar o controle financeiro de uma propriedade rural

1ª FASE Desenvolvimento de relatório com o histórico financeiro do resultado de caixa operacional, dos investimentos, dos financiamentos e dos gastos particulares

2ª FASE Criação de orçamento com base nos históricos da fazenda, projeção das entradas e saídas, e planejamento de operação de compra e venda

3ª FASE Checagem de metas, análises comparativas das entradas e saídas, e diagnóstico do negócio

TRUE TYPE: na fazenda São João, onde as raças holandesa e girolando (foto à esquerda) são criadas em sistema free-stall e pasto com pivô central (foto à direita), o controle do fluxo de caixa tornou a administração financeira mais eficiente

de queda no preço do leite e o fluxo de caixa mostra que haverá aperto financeiro, reduzimos as despesas." No ano passado, por exemplo, o preço bruto recebido pelos produtores de leite, segundo a média Brasil do índice do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/USP), indicava R$ 1,06 por litro, em janeiro, e R$ 1,69, em agosto, um aumento de 59%. Mas, quatro meses depois, já estava em R$ 1,29 por litro, um recuo de 26%. No último dado divulgado, o preço era de R$ 1,38.

Para o diretor da Rehagro, Clóvis Corrêa, um melhor controle do fluxo de caixa impacta em todo o negócio, não importa o setor no qual está concentrada a sua produção. "É a ferramenta gerencial mais eficaz a uma empresa. No caso dos grãos, onde os custos e receitas são anuais, com meses onde não se ganha nada, é essencial um bom planejamento", afirma Corrêa. "Nesse setor, em momentos descasados, pode ocorrer compromissos com o banco, mudança nos preços e atraso de colheita." No caso de Carola, o produtor diz que ao deslocar uma receita em um mês para cobrir um eventual estouro de caixa em outro, nunca mais foi pego de surpresa. **"Pagamentos inesperados podem ocorrer e é preciso estar preparado", afirma Carola.** Mas não foi somente isso que ocorreu em sua propriedade, ao implantar o fluxo de caixa. "Passei a levantar os custos de produção e o benchmarking", diz o produtor. Em inglês, a palavra benchmarking significa fazer uma avaliação comparativa entre dados de empresas do mesmo setor, para identificar as melhores práticas ou métodos executados.

ARQUIVO PESSOAL | DIVULGAÇÃO

NA BASE: *Rafael Tadeu Collin Dias, proprietário da True Type, adotou o fluxo de caixa em sua empresa em 2002*

A ascensão do negócio de Carola começou justamente em 2015, ao perceber que ganhava pouco dinheiro com o negócio do leite. "Estávamos muito desanimados com a atividade leiteira", diz ele. "Mas notamos que o problema era da porteira para dentro e que precisávamos de ajuda para nos organizar." A empresa iniciou o trabalho de arrumar o fluxo de caixa, em novembro daquele ano, quando a produção diária era de 7,5 mil litros de leite, com 498 vacas em lactação, gerando um faturamento mensal em torno de R$ 260 mil. Um ano depois, captava 11 mil litros por dia, com 602 vacas em lactação e faturamento de R$ 490 mil mensais. "Pelo orçamento de 2017, teremos uma produção diária de 12,6 mil litros em novembro, com 641 vacas em lactação", afirma Carola. "O faturamento deve ficar em R$ 530 mil." Já na True Type, a produção cresceu 50%, desde 2002, quando o fluxo de caixa começou a ser analisado nos detalhes, "Há 15 anos produzíamos cerca de 30 mil litros diários de leite", diz Collin Dias. Até dezembro, a meta é ultrapassar a média registrada no ano passado. "Deveremos ultrapassar uma receita de R$ 25 milhões neste ano."

SUÍNOS AO MAR

As exportações brasileiras de carne suína cresceram no primeiro semestre deste ano, em relação à 2016, segundo os dados da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), órgão do governo responsável pelo registro das exportações. A receita de US$ 807,3 milhões ocorreu graças ao câmbio valorizado. O aumento foi 28,6% acima do mesmo período de 2016. O volume embarcado, porém, fez a rota inversa: 336,7 mil toneladas, 2,9% abaixo do ano passado. A maior parte desse comércio foi de carne in natura. O produto rendeu US$ 740,2 milhões, para 293,7 mil toneladas. De carne industrializada foram 43 mil toneladas, por US$ 123 milhões. Confira como foi o comércio com os principais parceiros do Brasil:

Viagem global

Os principais mercados da carne suína no primeiro semestre e o desempenho, em porcentual, comparado ao mesmo período de 2016

A CARNE IN NATURA

Destino	Valor (em US$ milhões)	Variação (%)	Peso (em mil toneladas)	Variação (%)
Rússia	371,2	+76,9	133,4	+16,7
Hong Kong	99,6	-11,1	43,7	-25,3
China	54,5	-36,8	25,9	-37,0
Argentina	48,5	+210,8	16,6	+80,4
Cingapura	41,3	+16,0	15,9	-7,0
Outros 48 Países	125,2	+17,0	58,2	-1,4

A CARNE INDUSTRIALIZADA

Destino	Valor (em US$ milhões)	Variação (%)	Peso (em mil toneladas)	Variação (%)
Hong Kong	8,8	+25,7	3,5	+2,9
Argentina	1,4	+193	0,4	+700
Paraguai	0,9	-	0,3	-
Uruguai	0,7	-13,3	0,3	-25
Angola	0,2	-	0,1	-
Outros 12 Países	0,3	-40	0,1	-50

Fonte: SECEX

COOPERATIVA

Diversificando as atividades

A cooperativa C.Vale, de Palotina (PR), faturou R$ 6,8 bilhões, em 2016, valor 24% maior que no ano anterior. O dado apresentado no mês passado é resultado da ampliação da atuação no Rio Grande do Sul, onde foram captadas 6,75 milhões de sacas de soja. A cooperativa de grãos, leite, suínos e aves entrou no Estado no segundo semestre de 2015. Para este ano, de olho na continuidade da expansão dos negócios, a C.Vale está investindo R$ 110 milhões em um frigorífico para processar 75 mil tilápias por dia. As obras devem terminar em outubro.

CARGILL

Foco na sustentabilidade

A americana Cargill Alimentos, uma das maiores empresas do setor de processamento de grãos, oleaginosas e bioenergia, anunciou no mês passado que faturou R$ 33 bilhões no Brasil, em 2016. 3,1% a mais que no ano anterior. A Cargill também mostrou como tem atuado em programas de boas práticas. No ano passado, 21 mil produtores participaram do Programa de Agricultura Familiar, do Soja Mais Sustentável, do Cacau Mais Sustentável, do Política para Florestas, entre outros. Foram investidos R$ 775 milhões em logística e infraestrutura, como por exemplo nos terminais portuários de Santarém e de Miritituba, no Pará.

CRÉDITO

Família assistida

Na Safra 2016/2017, o valor das operações do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) foi de R$ 22,7 bilhões, atendendo 1,7 milhão de agricultores. Os dados são da Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (Sead). Comparado à safra anterior, houve um crescimento de 3,4% na oferta de crédito. "O Pronaf é fundamental para o agricultor familiar", diz o secretário José Ricardo Roseno. "Sem crédito para investir, muitos deles não chegam a plantar e os reflexos são sentidos em toda a economia brasileira."

FOTO: ROBERTO CASTRO

DINHEIRO

Seguro ao produtor

O grupo segurador Banco do Brasil e Mafre anunciou que indenizará dois mil produtores de milho e de soja por perdas na safra 2016/2017. O valor é de R$ 190 milhões, 12,4% acima da safra anterior. O contrato de seguro na modalidade faturamento cobre prejuízos das variações de preços, combinados ou não com perdas de produção. De acordo com os dados da seguradora, os maiores prejuízos foram nas lavouras de soja, com R$ 156 milhões em indenizações. No caso do milho serão R$ 16 milhões em ressarcimentos.

FOTO: MARCELO JUSTO/FOLHAPRESS

COMÉRCIO EXTERIOR

FOTO: SERGIO DUTTI

"O MERCADO NÃO SE FAZ DANDO BEIJINHO E ABRAÇOS. O MERCADO SE CONQUISTA NA COTOVELADA E NA BOTINA"

BLAIRO MAGGI, ministro de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

FINANÇAS

Saldando as dívidas

A JBS, da família Batista, realizou acordos de preservação de linha de crédito com instituições financeiras em julho. Elas devem bancar 93% das dívidas das sociedades controladas com operação no Brasil e da divisão mundial de couros. Os acordos presumem a estabilização de R$ 21,7 bilhões do endividamento da JBS no Brasil, no período de um ano. Do total, R$ 1,2 bilhão foi renegociado com o grupo Itaú Unibanco. A dívida total da JBS é de R$ 58,5 bilhões.

NÚMEROS DO MERCADO

US$ 875 MILHÕES
é o valor acertado pela Danone para vender a Stonyfield à Lactalis

R$ 3,1 BILHÕES
foi a receita da subsidiária brasileira Gavilon no ano fiscal 2016

US$ 63,2 BILHÕES
é a projeção de superávit da balança comercial brasileira em 2017, segundo a AEB

6 MIL
toneladas anuais de herbicidas é a capacidade de produção da nova fábrica da Ourofino Agrociência, em Uberaba (MG)

R$ 47,8 MILHÕES
de toneladas de cana-de-açucar foram esmagadas no Centro-Sul, no início da Safra 2017/2018

R$ 100 MILHÕES
serão investidos pela espanhola Estrella Galicia para construir uma cervejaria em Poços de Caldas (MG)

INDICADORES DE MERCADO

COMMODITY	MERCADO FUTURO*					FAROL	COMMODITY
	Fonte/Unidade	Mar/17	Abr/17	Mai/17	Jun/17		
Soja	CBOT - USc/bushel	1.000,96	946,72	957,39	924,59		Soja[1]
Farelo de Soja	CBOT - USD/tonelada curta	325,60	310,83	311,27	299,72		Farelo de Soja
Milho	CBOT - USc/bushel	365,68	363,01	370,55	372,28		Milho[1]
Açúcar	ICE US - USc/lb	18,06	16,40	15,69	13,75		Açúcar[2]
Etanol	CBOT - USD/galão	1,5517	1,6099	1,5062	1,5352		Anidro[3]
Algodão	ICE US - USc/lb	77,45	77,67	78,79	71,77		Algodão
Café	ICE US - USc/lb	141,39	135,64	133,20	123,73		Café[4]
Trigo	CBOT - USc/bushel	435,74	420,08	434,76	453,69		Trigo RS[5]
Arroz	CBOT - USc/100lbs	9,75	9,88	10,51	11,55		Arroz[6]
Boi Gordo	CME - USc/lb	118,66	114,82	124,69	119,42		Boi Gordo[7]
Bezerro	CME - USc/lb	128,32	140,45	151,62	149,74		Bezerro desmamado[8]
Suíno	CME - USc/lb	67,92	67,13	78,23	84,03		Frango vivo[9]
							Suíno vivo[10]

1descontado o prazo de pagamento pela NPR; 2FOB, base Ribeirão Preto, preço de equivalência; 3sem frete e sem ICMS; 4descontado o prazo de pagamento pela NPR, posto na cidade de São Paulo; 5trigo brando, descontado o prazo de pagamento pela NPR; 6tipo 1, posto indústria Rio Grande do Sul, descontado o prazo de pagamento pela taxa CDI/Cetip; 7à vista em Araçatuba, SP; 8@ média SP; 9arroz na granja em SP; 10CIF SP.
*Médias mensais simples do primeiro vencimento (CBOT: Chicago Board of Trade; ICE: Intercontinental Exchange; CME: Chicago Mercantile Exchange)
**Médias mensais simples dos indicadores, conforme sua disponibilidade
Fonte: DATAGRO.

MERCADO

Dow cumpre acordo com o Cade

Com o avanço do acordo de fusão entre as americanas The Dow Chemical Company e a Dupont, seus controladores foram obrigados a se desfazerem de parte do negócio. No mês passado, o Citic Agri Fund, braço de investimentos agrícolas do conglomerado chinês Citic, comprou por US$ 1,1 bilhão a parte do negócio de sementes de milho da Dow, empresa que faturou globalmente US$ 6,2 bilhões em 2016. A ordem da venda partiu do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade).

RECURSOS HUMANOS

Ideias lucrativas

A alemã Basf, que faturou cerca de € 58 bilhões, em 2016, economizou neste período € 60 milhões com a implementação de ideias de seus funcionários em todo o mundo. Foram apresentadas 21 mil propostas de melhorias de processos. Só na América do Sul as sugestões chegaram a três mil. Com prêmios, a empresa desembolsou € 4,4 milhões. Nos últimos dez anos, o retorno financeiro com as sugestões apresentadas chegaram a R$ 40 milhões na América do Sul.

GRÁFICO DO MÊS

ANÁLISE DO GRÁFICO: as exportações de milho do Brasil totalizaram 564,9 mil toneladas em junho, 81,8% acima do mês anterior, quando atingiu 310,6 mil toneladas. Em junho de 2016, foram exportadas 20,2 mil toneladas. Nos seis primeiros meses de 2017, o Brasil exportou 3,2 milhões de toneladas do cereal. Segundo o Line-up DATAGRO, um milhão de toneladas de milho foram agendadas para embarque no mês de julho. Com os preços no mercado interno em queda e as cotações nos Estados Unidos em alta, as exportações tendem a aquecer nos próximos meses.

INDICADORES ECONÔMICOS

Índice/ Fonte - Unidade	Acumulado do Mês	Acumulado do Ano	Acumulado 12 meses
IGP-M***/FGV - %	-0,67	-1,95	-0,78
IPCA***/IBGE - %	-0,23	1,18	3,00
Poupança/BCB - %	0,5508	0,5764	6,2787
TR/BCB - %	0,5202	0,7524	1,2683
Índice	**Média Mês**	**Média Ano**	**Média 12 meses**
Bovespa BM&F Bovespa -pontos	62.016,26	64.400,11	61.690,39
Dólar Comercial R$/US$	3,2948	3,1797	3,2623

***MÊS DE REFERÊNCIA: JUNHO /17.
IGP - M: ÍNDICE GERAL DE PREÇOS; FGV: FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS; IPCA: ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLO; IBGE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA; BCB: BANCO CENTRAL DO BRASIL) FONTE: DATAGRO.

SUBIU CAIU

	MERCADO SPOT**				FAROL
	Fonte/Unidade	Fev/17	Mar/17	Abr/17	Mai/17	
	CEPEA - R$/sc	70,01	65,82	68,94	68,95	▲
	IMEA - R$/ton	916,25	810,00	862,00	853,25	▼
	CEPEA - R$/sc	33,77	28,32	27,76	26,75	▼
	DATAGRO - USc/lb	20,49	19,79	20,00	18,37	▼
	DATAGRO - R$/litro	1,8009	1,7678	1,7477	1,6486	▼
	CEPEA - centavo R$/lb	273,10	273,14	274,62	274,18	▼
	CEPEA - R$/sc arábica	485,92	467,63	455,69	445,85	▼
	CEPEA - R$/ton	597,08	606,71	611,70	629,70	▲
	CEPEA - R$/sc	42,26	39,02	38,99	39,75	▲
	Scot Consultoria - R$/@	143,72	136,92	136,80	128,95	▼
	Scot Cons. - R$/cabeça	1.064,00	1.030,00	1.047,50	1.028,00	▼
	Scot Consultoria - R$/kg	2,69	2,50	2,50	2,50	▼
	Scot Consultoria - R$/@	85,00	75,72	77,55	70,05	▼

ANÁLISE DO MÊS

FOTO: LUISA SANTOSA

Etanol de milho, um novo nicho de mercado

Guilherme Nastari, *economista da Datagro*

O Brasil deve fechar o ciclo 2016/17 com uma "supersafra" de 237 milhões de toneladas de grãos, segundo o mais recente levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). A produção de milho também deverá ser recorde, chegando a 96 milhões de toneladas. No entanto, a capacidade atual de armazenamento do País gira em torno de 168 milhões de toneladas, o que representa cerca de 60% do total produzido. Ou seja, há um evidente déficit de armazéns para estocagem dos grãos. Diante deste cenário, no Mato Grosso, toneladas de milho já estão sendo "armazenadas" a céu aberto. A fabricação de etanol de milho pode ser uma solução para agregar valor ao grão, principalmente nos momentos em que a produção do cereal está significativamente elevada e os preços estão baixos.

De acordo com a Datagro, o comércio de etanol hidratado no mercado interno seguiu bem atrás das vendas observadas no ano passado, com 541,2 mil metros cúbicos (m3) na primeira quinzena de junho de 2017, contra 679,6 mil m3, em igual quinzena de 2016. Naquele período, o etanol foi mais competitivo que a gasolina em quatro Estados (GO, MT, MG e SP). Neste ano, o etanol é mais vantajoso em apenas dois Estados (MT e SP). Os estoques de etanol anidro no Centro-Sul totalizaram 954 mil m3, no final da primeira quinzena de junho, queda de 12,0% em um ano. Ao passo que os estoques de hidratado chegaram a 1,3 milhão de m3, volume 7,5% menor do que o observado há um ano.

CALENDÁRIO DO MÊS

Exporural
De 12 a 20 de agosto, em Salvador (BA)
Tel. (71) 3375-4575
accoaba.adm@gmail.com

É Hora de Plantar
De 14 a 25 de agosto, em Rondonópolis (MT)
Tel. (66) 3439-4100
fundacaomt.com.br

7º AgroPonte
De 16 a 20 de agosto, em Criciúma (SC)
Tel. (48) 3437-0362
nossacasa-sc.com.br

50º Congresso Brasileiro de Fitopatologia (BCP)
De 20 a 23 de agosto, em Uberlândia (MG)
Tel. (19) 3243-0396
cbfito.com.br

25ª Fenasucro e Agrocana
De 22 a 25 de agosto, em Sertãozinho (SP)
Tel. (11) 3060-4717
fenasucro.com.br

40ª Expointer
De 26 de agosto a 3 de setembro, em Esteio (RS)
Tel. (51) 3458-8543 - expointer.rs.gov.br

11º Congresso Brasileiro do Algodão
De 29 de agosto a 1 de setembro, em Maceió (AL) - Tel. (61) 3963-5769
congressodoalgodao.com.br

6º Congresso Vegetariano Brasileiro
De 30 de agosto a 3 de setembro, em Campos do Jordão (SP)
Tel. (11) 3104-5282 - vegfest.com.br

12ª Feira do Agronegócio da Uva e do Mel
Em 1 e 2 de setembro, em Jales (SP)
Tel. (17) 3632-2381
jales.sp.gov.br

7º Irrigashow
Em 6 e 7 de setembro, em Paranapanema (SP) - Tel. (14) 3769-1788
irrigashow.com.br

FOTO: GABRIEL REIS

"Não haveria o êxito do campo sem a notável contribuição de todos os setores urbanos"

ROBERTO RODRIGUES, coordenador do Centro de Agronegócio da FGV-EESP, e embaixador especial da FAO para o cooperativismo

Honra compartilhada

Os brasileiros em geral andam aborrecidos com a realidade do nosso País. Não bastasse um cenário global em que faltam líderes autênticos, e no qual se repetem com frequência cenas dramáticas de naufrágios no Mediterrâneo de imigrantes desesperados pela guerra, pela miséria e pela fome em suas nações, vivemos internamente uma sucessão de crises. Temos uma crise política que se arrasta há meses, contribuindo para uma crise econômica que leva à desconfiança de investidores, aumentando a tragédia de um desemprego sem precedentes nos tempos modernos, uma crise moral e até ética com consequentes escândalos de corrupção inimagináveis, tudo embrulhado numa epidemia de "lei de Gérson", onde cada um trata de buscar soluções vantajosas para si e para os seus mais próximos, sem compromisso com o coletivo. Resultado: faltam rumos para todos. Falta um horizonte onde queiramos todos chegar.

Neste ambiente negativo, há um setor que vai atravessando as dificuldades e sustentando o que resta de positivo na nossa sócio-economia. Trata-se do agronegócio. Ficou evidente – em especial nos três primeiros meses deste ano – que o PIB só cresceu por causa das cadeias produtivas do agro, que também garantiram o saldo comercial positivo e que, aleluia, não desempregaram. Aliás, este fenômeno se repete há alguns anos, fruto da geração e incorporação de tecnologia sustentável nas fazendas brasileiras de todos os rincões e de todos os tamanhos. E os números provam isso à exaustão: de 1990, ano do fatídico Plano Collor, até hoje, a área plantada com grãos no Brasil cresceu 60% enquanto a produção deles aumentou 305%! Este aumento de produtividade agrícola foi responsável por outros números espetaculares: são cultivados hoje 60 milhões de hectares com grãos em todo o Brasil, mas se tivéssemos a mesma produtividade por hectare de 1990, seriam necessários mais 81 milhões de hectares para colher a safra deste ano, que, portanto, não foram desmatados.

Estes dados e muitos outros sobre a sustentabilidade do agro já são hoje de conhecimento da imensa maioria dos brasileiros. Graças a uma mídia bem profissional, todo mundo reconhece a importância do campo, sabe que o agronegócio representa 25% do PIB nacional, gera um quarto dos empregos formais e responde por mais de 80% do saldo comercial. Felizmente esse reconhecimento é patente. **No entanto, nossa população ainda não incorporou um outro sentimento, o de orgulho por esse sucesso. É como se fosse um resultado exclusivo dos produtores rurais, com o qual os cidadãos urbanos não tivessem nada a ver.** Mas isso não é verdade: não haveria o êxito do campo sem a notável contribuição de todos os setores urbanos, seja na área de serviços, seja na industrial. Não haveria plantio e colheita sem máquinas e implementos produzidos nas fábricas, e muito menos sem fertilizantes, defensivos, sementes. Nada aconteceria sem crédito, sem assistência técnica, sem seguro e sem transporte da cidade para o campo e vice-versa. As colheitas apodreceriam sem armazéns e silos construídos com material gerado nas siderurgias e nas cerâmicas, não haveria valor agregado sem a indústria de alimentos e de embalagens, não haveria mesa suprida sem modernos mecanismos de distribuição.

FOTO: CAMILA DOMINGUES

SIMBIOSE AFINADA: cidade e campo dependem um do outro para mostrarem ao mundo um País sustentável

Caminhões, trens e barcaças levam os alimentos para todas as cidades e para os portos, visando o exterior. Navios atravessam os mares para abastecer mais de 150 países com o que produzimos. E todas estas operações são planejadas e executadas por cidadãos urbanos, sem nenhuma ligação aparente com o rural. É preciso desfazer essa impressão. Não há um único trabalhador brasileiro, homem ou mulher, cujo esforço não ajude direta ou indiretamente este processo vitorioso de alimentar o planeta. Por isso, todo mundo pode ter orgulho de contribuir com o sucesso da agropecuária. Todos podem ter certeza de que a honra que invade os peitos dos nossos produtores rurais tem lugar idêntico nos corações de nossos urbanos.